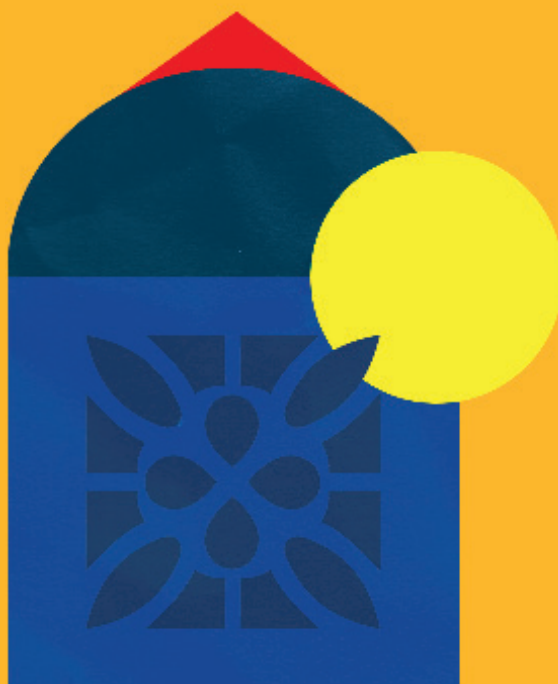




SÉRIE: COLEÇÃO GEPIFHRI

CONTANDO HISTÓRIAS DE EDUCAÇÃO

ORGANIZADORES:

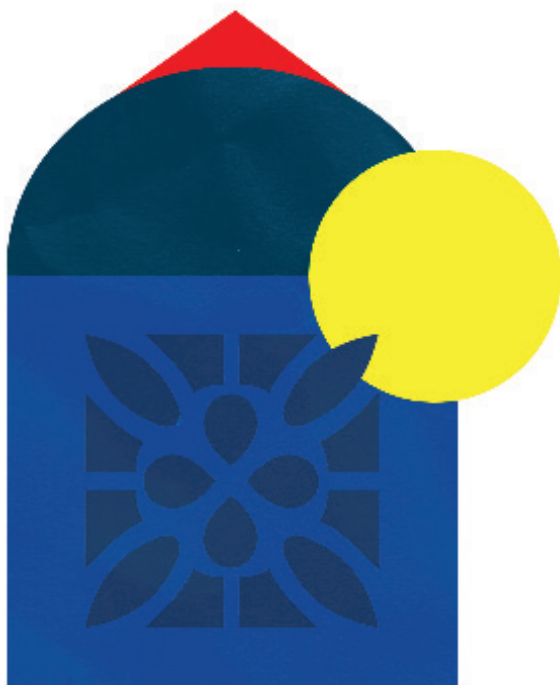
André Gustavo Ferreira da Silva

Leilane Bezerra da Silva





Contando Histórias de Educação



SÉRIE: COLEÇÃO GEPIFHRI

Contando Histórias de Educação

ORGANIZADORES:

André Gustavo Ferreira da Silva

Leilane Bezerra da Silva

SÉRIE: COLEÇÕES GEPIFHRI

Coordenação:

Raylane Andreza Dias Navarro Barreto - UFPE

Maria da Conceição Silva Lima – UFPE

Comissão editorial:

André Gustavo Ferreira da Silva , Arnaldo Martins Szlachta Junior, Catarina Carneiro Gonçalves, Paulo Julião da Silva, Maria da Conceição Silva Lima, Raphael Guazzelli Valerio, Raylane Andreza Dias Navarro Barreto, Viviane de Bona.

Revisão: Ellen Amanda Silva de Lima

Capa: Rodrigo Victor

Projeto gráfico: Rodrigo Victor

Diagramação: Hytallo Willian e Raquel Barreto Nascimento

Catálogo na fonte:

Bibliotecária Kalina Ligia França da Silva, CRB4-1408

C759 Contando histórias de educação [recurso eletrônico] / organizadores : André Gustavo Ferreira da Silva, Leilane Bezerra da Silva. – Recife : Ed. UFPE, 2021.
(Coleção GEPIFHRI).

Vários autores.

Inclui referências.

ISBN 978-65-5962-063-0 (online)

1. Educação – Brasil – História. 2. Contos brasileiros. I. Silva, André Gustavo Ferreira da (Org.). II. Silva, Leilane Bezerra da (Org.). III. Título da coleção.

370.981

CDD (23.ed.)

UFPE (BC2021-072)

Apresentação da “Coleção GEPIFHRI”

O Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinar em Formação Humana, Representações e Identidades - GEPIFHRI tem o prazer de lançar, junto com a Editora da Universidade Federal de Pernambuco, a “Coleção GEPIFHRI”. A ideia da parceria entre o GEPIFHRI e a Edufpe, longe de ser um projeto que vise qualquer tipo de lucro ou ganhos monetários, tem o nobre objetivo acadêmico de publicar os textos dos alunos da graduação e pós-graduação que tiveram destaque em seus trabalhos, frutos das disciplinas que cursaram. Não é raro professores/as se depararem com trabalhos autorais, muito bons e que merecem ser divulgados. A ideia que nos motiva é, justamente, a de que muitas vezes os alunos cumprem muito bem aquilo que foi solicitado em sala de aula e que, por falta de incentivo, informação ou mesmo de espaço apropriado, não procede com a publicação.

Com foco nos pesquisadores em formação é que nasce a Coleção GEPIFHRI. O que nós, membros do grupo, pretendemos é criar um espaço qualificado, seguindo as orientações e normas editoriais e acadêmicas para que nossos alunos e alunas possam escoar suas produções e que se sintam, com ele, também estimulados a fazer parte do projeto que não tem outro desígnio a não ser fazer valer a pena a pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. Por certo é um projeto modesto, mas com muitas expectativas de constar como uma ação frutífera e com ganho de causa para a UFPE que privilegia desde cedo a pesquisa e a sua divulgação.

Raylane Andreza Dias Navarro Barreto
Maria da Conceição Silva Lima

SUMÁRIO

PREFÁCIO

André Gustavo Ferreira da Silva

Leilane Bezerra da Silva

PERÍODO COLONIAL

Um sonho inóspito

Jéssica Ribeiro de Oliveira

Stéfani Ferreira da Silva

Uma missão educadora

Andréa Maria da Silva

George Luna de Araújo

Patrícia Costa

PERÍODO DO IMPÉRIO

Destino é destino

Gleyce Ribeiro

Jéssica Laranjeira Guerreiro de Castro

Maria Janeide Araújo

Os Rangel

Priscilla Nascimento Silva

Rafaela Albuquerque Monteiro

Reencanto

Bruno Aroucha Regis

Leilane Bezerra da Silva

REPÚBLICA

Memórias de Jorge Almeida e Francisco Silva: República

Priscilla Nascimento Silva

Rafaela Albuquerque Monteiro

Uma emergente e transformadora escola: República

Andréa Maria da Silva

George Luna de Araújo

Patrícia Costa

POPULISMO E GOLPE CIVIL-MILITAR

O privilégio de estudar

Gleyce Ribeiro

Jéssica Laranjeira Guerreiro de Castro

Maria Janeide Araújo

Final de semana histórico: República

Jéssica Ribeiro de Oliveira

Stéfani Ferreira da Silva

As 40 horas de Angicos: Ditadura

Crislane da Silva Heleno

Maria Luciana Davi

Marilene Santos de Souza

Era uma vez...: Ditadura

Beatriz Monique da Silva Ferreira

Maria Caroline de Santana Carvalho

Wendell Bezerra

Prefácio

A aula de História educa.

Consequentemente, ensino de história também é educação: este é o sentido que norteia a proposição deste eBook.

Acreditamos que o processo educativo que se pretende emancipador tem que colocar o educando em condição de protagonismo e autonomia. Para tanto, inicialmente, nas aulas de História da Educação no Brasil, do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), se acionou a elaboração de podcasts junto com o professor Raphael França¹

Por sua vez, experiência com a produção de contos decorreu da necessidade de se incentivar a produção escrita, seja pela importância desta prática para a formação de pessoas educadoras, seja para fornecer alternativas diante da avassaladora expansão da cultura audiovisual que o acesso às mídias sociais, como o YouTube e streamings, impacta na formação de sujeitos na atualidade.

Assim, a finalidade maior da escrita de contos foi levar os/as estudantes a terem uma experiência mais ativa com os conhecimentos, textos e informações que circularam ao longo das aulas. Neste sentido, ao delinear seu texto, o/a estudante tem que mobilizar tanto os saberes apreendidos na vivência das aulas quanto os novos saberes que remontam aos textos propostos que a pesquisa por novas fontes propicia. Além disso, a própria elaboração do texto, segundo os parâmetros característicos do gênero textual definido, que requer a composição de personagens, ambientes, ações e uma estrutura coerente de narrativa, é catalisadora de uma problemática cuja resposta e solução requebrem a imersão do/da estudante no universo de conhecimentos e saberes, correspondentes aos conteúdos estabelecidos no currículo.

¹ Graduado em História, Mestre e Doutor em Educação Matemática e Tecnológica,raphasilva07@gmail.com. Além de assessorar diretamente nossas aulas, elaborou um manual para a produção de podcasts para os usuários em geral. Alguns podcasts podem ser encontrados em: https://youtu.be/ual0x_2O7gE; https://youtu.be/ihOiQPt_4kg; <https://www.youtube.com/watch?v=tqApUSmASS4>; <https://www.youtube.com/watch?v=nytGmz5koRQ>.

Desta forma, a produção de histórias pela História, seja por contos (ou podcasts), se constitui simultaneamente como prática de sistematização dos saberes apreendidos em sala, de pesquisa de novos conhecimentos e de autoavaliação. Por sua vez, o produto confeccionado se presta como registro para a avaliação acerca do trabalho que se desenvolveu com uma determinada turma, e do desempenho das pessoas que compõem o grupo classe.

Os contos estão ambientados nos grandes períodos de nossa história: Colônia, Império e República.

Sob o contexto do período Colonial, temos os textos “Sonho Inóspito”, de Jéssica Ribeiro de Oliveira e Stefani Ferreira da Silva, e “Uma missão educadora”, de Andréa Maria da Silva, George Luna de Araújo e Patrícia Costa. Eles nos contam sobre o surgimento de nova forma de socialização no território brasileiro, na qual a Companhia de Jesus se colocava diante da missão de revelar “o reino dos céus” para os povos indígenas que aqui já habitavam. E que engana-se quem pensa que esta missão foi aceita de maneira passiva, pois, desde sempre, houve embates e disputas, levando-a a criar estratégias para a educação no Novo Mundo.

Ambientado no período Imperial, encontramos os contos “Destino é destino”, de Gleyce Ribeiro, Jéssica Laranjeira Guerreiro de Castro e Maria Janeide de Araújo; “Os Rangel”, de Priscilla Nascimento Silva e Rafaela Albuquerque Monteiro; e “Reencanto”, de Bruno Aroucha Regis e Leilane Bezerra da Silva. Os textos nos contam que a tradicional sociedade imperial não se preocupava com a condição das mulheres, que permaneciam em condição de subordinação, encarregadas das atividades do cuidar do lar e das crianças mais novas, que deveriam ser cheias de dotes e honradas, para que pudessem conseguir firmar um bom casamento, e que a escola, como lócus importante de socialização, reverberava os privilégios de uma sociedade escravista, patriarcal e aristocrática.

Chegando ao período da República, temos dois subgrupos de contos que narram sobre a Primeira República e sobre o populismo e Ditadura Civil-Militar.

Tomando a Primeira República como contexto, temos os contos “Memórias de Jorge Almeida e Francisco Silva”, de Priscilla Nascimento Silva e Rafaela Albuquerque Monteiro, e “Uma Emergente e Transformadora Escola”, de Andréa Maria da Silva, George Luna de Araújo e Patrícia Costa. Os escritos nos imergem à atmosfera de mudanças e reformas educacionais que tinham em comum a necessidade de abertura e ampliação do acesso da população à edu-

cação, todavia, ainda tensionadas pelas distinções entre os modelos e práticas de educação vigentes.

Continuando no Brasil republicano, mas, agora, no ambiente do populismo e do Golpe Civil-Militar, temos os contos “O Privilégio de Estudar”, de Gleyce Ribeiro, Jéssica Laranjeira Guerreiro de Castro e Maria Janeide Araújo; “Final de Semana Histórico”, de Jéssica Ribeiro de Oliveira e Stefani Ferreira da Silva; “Às 40 horas de Angicos”, de Crislani da Silva Heleno, Maria Luciana Davi e Marilene Santos de Souza; e “Era uma vez...”, de Beatriz Monique da Silva Ferreira, Maria Caroline de Santana Carvalho e Wendell Bezerra, que nos remetem às preocupações com o desenvolvimentismo, urbanização, industrialização e o progresso, além da valorização do ensino técnico-profissional. Escrevem ainda sobre as práticas de educação popular e os conflitos e perigos que envolviam a vida escolar sob o regime ditatorial.

Destarte, esperamos que as histórias deste conjunto de contos possam contribuir para a reflexão e formação num dos aspectos mais significativos da sociedade brasileira: a História da Educação que aqui se pratica.

Recife, agosto de 2021.

André Gustavo Ferreira da Silva

Leilane Bezerra da Silva

PERÍODO COLONIAL

As práticas educativas trazidas pelos Jesuítas se deparam com as práticas não formais de educação vivenciadas pelos indígenas. A própria Companhia de Jesus tem que adaptar e reelaborar seus métodos de ensino e trabalho diante do desafio de se aproximar da cultura e modo de vida indígena.

SONHO INÓSPITO

Jéssica Ribeiro de Oliveira¹

Stefani Ferreira da Silva²

Entrei em um sono profundo, estava exausta de tantas leituras maçantes sobre o massacre e maus-tratos contra os povos donos dessas terras. Eram vinte e duas horas, eu estava em meu quarto e ali mesmo, sobre os livros, apaguei no que parecia uma espécie de teletransporte para outra dimensão.

Acordei no meio de um “nada”, havia árvores que eu nunca vira com tanta abundância. Eu era capaz de ouvir, ao longe, o barulho de um riacho correndo por entre as pedras e restos de folhagens, e podia ouvir pássaros cantando aos montes – canto que meus ouvidos jamais escutaram. O cheiro também era diferente: o ar daquele lugar dava uma sensação boa de prazer e quietude. A terra, do solo onde eu me encontrava deitada, era úmida e tinha uma fragrância agradável de campo.

Uma coisa era certa: não sabia como chegou até ali, porém havia a certeza de que aquilo não era real. Talvez um sonho. Lembro de estar em meu quarto estudando para uma prova da universidade sobre a educação no período colonial no Brasil e, de repente, acordo no meio de um lugar com aspectos nunca visualizados por meus olhos.

Vagarosamente, levantei-me. Estava com muita sede. Então, resolvi seguir o som de água corrente que havia escutado. Cada vez mais que eu seguia mata adentro, meu olhar sobressaltava com prazer. A fauna e flora, as quais eu examinava à minha frente eram de uma beleza deslumbrante e, pouco a pouco, assustada, eu me perguntava onde estava e como havia chegado ali.

1 Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco. Mestranda em Educação Contemporânea, do Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco – Campus Agreste. Integrante/pesquisadora do Imaginário – Grupo de Pesquisas Transdisciplinares sobre Estética, Educação e Cultura.

2 Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco. Pós-Graduanda Lato Sensu em Psicopedagogia.

Não sei por quanto tempo havia andado, pareciam horas e quilômetros. Não tinha mais discernimento sobre a passagem do tempo ali. Sentia algo enigmático, inexplicável e insólito naquele lugar. Mas, a cada novo passo, um novo encantamento era vislumbrado. Quando encontrei o riacho, outra vez uma estranheza em meu olhar. A água era tão cristalina e refrescante que tive vontade de banhar-me. Olhei para os lados: não havia ninguém; era só eu ali naquele paraíso. Tirei a roupa, mas permaneci com as peças íntimas, temia que alguém surgisse repentinamente. Sem me demorar muito no banho, saí do riacho, vesti minhas roupas e resolvi explorar aquele lugar: tudo ali parecia mágico.

Comecei a vaguear por entre as árvores e arbustos, admirada com tudo que via. Parei por um longo momento frente a uma frondosa roseira e fiquei algum tempo ali, admirando-a. As rosas eram vermelhas, de pétalas largas e aveludadas, possuíam pequenos riscos pretos bem próximos ao centro, de onde saíam filamentos amarelos, cheios de pólen. Retirei uma flor da roseira, com certo remorso, pois havia cometido um crime contra a estonteante beleza e pureza daquele lugar. Deus havia de me perdoar. Cheirei a bela flor e enquanto permanecia absorta naquele aroma magnífico, comecei a ouvir passos e vozes que vinham de longe – passos sobre as folhagens e vozes conversando entre si. O idioma era familiar, era o português, mas era um português estranho, rebuscado e com sotaque europeu. Apressadamente, coloquei a flor dentro do bolso da minha calça jeans. Escondida atrás da roseira, podia ver homens trajando vestimentas que eu já havia visto em livros de história. Tratava-se de uma espécie de roupa sacerdotal e, pelo teor do diálogo, não restavam dúvidas: tratava-se de homens que faziam parte de algum grupo religioso. Quando passaram por mim, segui-os, com cuidado para não ser percebida. Estava curiosa para saber o que aconteceria em seguida.

Após mais uma longa caminhada, defrontei-me com uma espécie de colônia, talvez um acampamento onde aqueles homens estavam repousando. Permaneci ali escondida por longas horas. Eles conversavam sobre estratégias para fortalecer vínculos com algum outro grupo que ali vivia. Pelo que me parecia, tratava-se de algum povoado nativo daquele lugar que os religiosos tinham a intenção de torná-los “civilizados”. A preocupação deles era nítida: era preciso ensinar esses povos a falar e se comportar em um Novo Mundo.

Chamavam o lugar de “Terra de Santa Cruz”. Estavam preocupados com uma salvação religiosa, como se Deus tivesse punido aquelas pessoas e as desprezado ali. Por algum motivo, Deus havia se esquecido daquelas pessoas por longos anos e, só agora, pela piedade divina, aqueles sacerdotes haviam sido enviados por alguma iminência superior, a fim de salvar as vidas daqueles seres preteridos.

Ao longo do tempo que fiquei ali, pude observar que havia conflitos de ideias

quanto ao tratamento desses miseráveis. Alguns eram pacíficos em suas falas e demonstravam certo afeto e amorosidade. Outros eram mais rígidos e incisivos. Mas, uma coisa era certa: era preciso conter e doutrinar aquelas criaturas hostis e indóceis. Eles falavam sobre vestimentas – era preciso vestir aquelas pessoas adequadamente – e também lhes ensinar a falar. Ao que pude ouvir, as criaturas às quais se referiam possuíam um falar próprio.

Minha nossa! Valha-me Deus! Eu sabia o que estava acontecendo! Aqueles homens estavam falando em catequizar algum povo indígena que provavelmente vivia ali, ainda de modo primário, sem muitas interferências da urbanização e do mundo tecnológico. Seria uma nova colonização? Como esse grupo conseguira a façanha de permanecer por tantos anos preservando sua cultura, tradições e crenças? Depois de um longo momento pensando, descrente sobre o que ali estava acontecendo, ouvi vozes que chegavam do fundo do tal acampamento: parecia uma língua familiar. Porém, ao passo que parecia semelhante a algo que meus ouvidos já haviam escutado, nunca tinha escutado tais palavras anteriormente. E, ao vê-los, pude confirmar minhas suspeitas. Tratava-se, de fato, de um povo indígena, tal qual vimos nos livros de história. Com todas as suas características preservadas. Meus olhos encheram-se de lágrimas, fui tomada por uma forte emoção.

Meu Deus! Precisava acordar daquele sonho. Acabar com aquela angústia. Belisquei-me no braço direito, o mais forte que pude, numa tentativa de me acordar. Em vão. Pensei em um modo de entrar em uma das cabanas que via sem ser notada. Os indígenas aproximaram-se dos padres ou seja lá o que fossem. Percebi que existia uma relação amistosa entre eles. Um tratamento afável. Notei que era possível esgueirar-me pelas árvores e entrar pela parte de trás de uma das cabanas. Pelo que pude observar, estavam todos no centro da colônia em uma espécie de doutrinação. Silenciosamente, consegui adentrar em uma das cabanas. Havia um tipo de escrivanhinha com muitos papéis aparentemente envelhecidos.

No outro canto, era possível ver uma espécie de mesa com uma bacia e água – talvez para asseio. Tornei minha atenção para a escrivanhinha, na tentativa de descobrir que lugar era aquele e o que estava acontecendo ali. Comecei a vasculhar, encontrei alguns mapas com coordenadas e vários pontos marcados. Em meio aos papéis, havia uma carta com algo que parecia um brasão real. Tremi. Recuei. Estava assustada. Afinal de contas, onde eu estava? Ao abrir o envelope, constatei aquilo que temia: era certo, não estava mais nos anos dois mil. A carta estava endereçada à “Companhia de Jesus”, que se encontrava em missão colonizadora, datava quinhentos anos antes do meu século. A tal “Terra de Santa Cruz”, que aqueles homens falavam, era o Brasil.

Sem saber o que faria agora, derrubei um tinteiro que estava sobre a mesa. O

barulho os alertou, e eles vieram em minha direção. Adentraram a cabana, nitidamente assustados com minha presença e aparência. Comecei a gritar para que se afastassem de mim, ao passo que eles tentavam me capturar, domar-me. Indagaram sobre minhas roupas e meu modo de falar. Eles achavam que eu era uma indígena, mas questionavam por que eu estava trajando aquelas vestimentas e falando em uma língua semelhante à deles. Consegui fugir e corri o quanto pude. Mais uma vez, desastrosamente, tropecei em um tronco de árvore e caí morro abaixo.

Acordei! Tudo não passara de um sonho. Levantei da cama um pouco dolorida, acho que havia dormido mal. Olhei o relógio e já era noite. Estava atrasada para a prova de História. Corri para o banheiro. Precisava me aprontar rapidamente. Busquei um elástico em meu bolso para prender meu cabelo e tomar um banho rápido. Estranhamente, me sentia cansada apesar de ter dormido por tantas horas. Ao sacar o conteúdo que havia em meu bolso, encontrei uma rosa vermelha murcha e quase sem aroma. Ela, que agora, não era mais eu, e sim uma outra, olhou-se no espelho e chorou copiosamente. Talvez jamais consiga entender o que aconteceu naquela estranha tarde. Ela certamente não conseguirá mais viver sendo ela mesma.

UMA MISSÃO “EDUCADORA”

Andréa Maria da Silva³

George Luna de Araújo⁴

Patrícia Costa⁵

Em meados de 1549, aportam na Terra de Santa Cruz três missionários Jesuítas financiados pela Companhia de Jesus e pela Corte portuguesa com intuito de catequizar os indígenas. De lá são enviados à Província de São Vicente, para serem instalados no vilarejo de Nova Conquista. Após cansativos 40 dias de viagem costeando o litoral brasileiro, chegam à Nova Conquista um vilarejo habitado por indígenas Guaianazes e alguns colonos portugueses que ali habitavam. Nova Conquista era um vilarejo cercado por imensas árvores, de fauna riquíssima, possuindo uma vasta diversidade de flores e belos rios que adentram nas florestas tropicais.

Ao chegarem à Nova Conquista, todo aquele ambiente lhes parecia muito estranho, pois conheciam seus costumes apenas pelos relatos que ouviram. Estes novos missionários são os padres: Luís Georgino, José Eurico e Pedro de Castro, que chegam com a missão evangelizadora e apaziguadora dos novos conquistados em relação à Coroa. A primeira tentativa de comunicação com os indígenas se dá por meio da mediação das famílias portuguesas que ali habitavam. Seus relatos entregavam que os indígenas eram muito resistentes na convivência diária e que, para socializar algo com eles, era preciso fazê-lo sob troca de presentes.

Sem experiências anteriores com este tipo de missões, Pe. Luís Georgino, um jovem de 21 anos, formado recentemente pela Companhia de Jesus, possuía pequena

3 Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco, e-mail: andrea.dea.54@gmail.com

4 Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco, e-mail: george.lovesjesus@hotmail.com

5 Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco, e-mail: patriciaf.costa@hotmail.com

compleição física, de andar elegante, destilava simpatia entre o grupo com que se ajuntara nesta missão. Não abria mão de vestir-se, permanentemente, com seus trajes formais, característicos dos jesuítas, isto é, uma batina preta simbolizando a renúncia ao mundo e gola branca em representação de pureza. No entanto, se percebia muito voluntarioso; seu desejo era de tornar essa missão não apenas uma ação colonizadora – o sentimento da Coroa Portuguesa –, mas também, como bons soldados de Cristo, ampliar o que eles concebiam como Reino de Deus, difundindo a fé cristã.

O Pe. José Eurico, por sua vez, era de meia idade, contando com quase 60 anos, estatura mediana, meio intolerante, um tanto quanto robusto, mal cabia em suas vestes; era dado a não pouco vinho e vivia sempre resmungando pelo fato de encontrar dificuldades com os costumes observados nos indígenas enquanto tentava inserir novos modos de convivência, desde a relação de culto até a falta de vestes em seus corpos – o que lhe trazia muitos desconfortos. Quanto à cultura de adoração, uma vez que os indígenas cultuavam muitas divindades, isso era um grande empecilho para o padre, pois ele concebia o cristianismo como a religião única e verdadeira – não lhe cabia, portanto, devido à grande quantidade de divindades cultuadas, fazer qualquer relação de sua doutrina com o “paganismo” que ali observara.

Diferente de seus companheiros, o missionário Pe. Pedro de Castro era tanto eloquente quanto centrado na proposta evangelizadora, uma vez que em não poucas vezes contendia com o Pe. José Eurico, pois acreditava que missão envolvia novas adaptações e certa tolerância aos costumes dos povos que seriam cristianizados. Franzino e de pequena estatura, era dotado de grande inteligência e de muitas percepções; estava sempre voltado às leituras e frequentes meditações. Suas primeiras impressões são de que para chegar à cristianização daquele povo lhes era necessário primeiramente aprenderem a língua nativa – o Tupi-guarani, para, a partir daí, estabelecerem uma comunicação que lhes possibilitasse a devida cristianização.

Os três padres tiveram não poucas dificuldades para trabalharem o melhor método de comunicação para catequizar os indígenas de Nova Conquista até que o jovem Pe. Luís Georgino revela um sonho que havia tido anos antes em Lisboa, em que se encontrava em um ambiente inóspito cujo riscos se faziam grandes diante da comunicação com aquele povo. E em seus sonhos, se percebia em um amplo ambiente em que, apesar de não fazer parte de seu cotidiano, ele dançava, cantava e teatralizava como que estivesse em um grande palco em que os espectadores traziam elementos culturais diferentes daqueles que conhecia.

– Pe. Luís Georgino, o seu problema é que você sonha demais – dizia o intolerante Pe. José Eurico.

Pe. Pedro de Castro sorri.

– É verdade, Pe. José Eurico, ele é um grande sonhador, próprio da juventude! No entanto, perceba-o além de seus sonhos, contemple a revelação divina quanto a esta obra missionária! Este é, definitivamente, o caminho! Poderíamos nos apropriar da própria cultura indígena, atinente às danças, à música e ao teatro para alcançá-los...

– Como assim? – Retruca Pe. José Eurico. Porventura, iremos rodopiar como estes aborígenes? Era só o que me faltava! Pois, pois!

– Ainda falando sobre o sonho, diz o Pe. Luís Georgino: – não apenas dançava e cantava, mas me percebia também contracenando como numa grande peça teatral.

– Hummm! Exclama, pensativo, o Pe. Pedro de Castro. – E nesta peça, eu representava um educador ensinando a pequeninas crianças que se apresentam órfãs de conhecimentos – conclui Pe. Luís Georgino.

– Já se faz tarde – diz Pe. José Eurico

– e amanhã temos que acordar cedo para tratar com este povo sem cultura.

– É necessário civilizá-los!

Diante de todo o diálogo, o intelectual e sempre reflexivo Pe. Pedro de Castro, dorme pensativo, lembrando-se dos métodos de ensino que aprendeu em Portugal e de como inseri-los na educação deste “povo infantil”, ainda que reconhecesse que eles tinham cultura e linguagem próprias.

No dia seguinte, logo ao romper da alvorada, os padres se sentam na grande praça e observam o comportamento das crianças que, sentadas ao redor dos mais velhos, escutavam atentamente instruções acerca de sua cultura: hábitos alimentares, tradição, história e manufaturas (objetos de caça e pesca). Era importante ter conhecimento dessa inusitada cultura. Logo, era necessário compreendê-la participando de suas próprias atividades culturais, para que, através delas, a eles fossem inseridos os elementos cristãos como instrumentos de catequização. E, através dessa observação, começar sua interação por meio dos curumins.

Logo, era necessária a presença de alguém que os ajudasse a interpretar e a lhes ensinar a língua Tupi. Para tanto, solicitaram a intervenção de Jacó, um ‘língua’ que habitava entre os colonos de Nova Conquista. Cuidando da possibilidade de resistência por parte dos indígenas adultos arraigados em suas crenças e costumes, Pe. Pedro de Castro junto aos padres Luís Georgino e José Eurico concordam em ir, juntamente com Jacó, à presença do Cacique, Filho do Trovão, para que seja permitido ensinar aos curumins outras artes. Essa tentativa de inserir uma nova arte era, no entanto, uma estratégia para que houvesse, de fato, o início da catequização.

Uma vez permitida as novas ações de ensino, os padres entre si confabulam. Diz o jovem e voluntarioso Pe. Luís Georgino: – Uma vez autorizado pelo Filho do Trovão, então comecemos pelo meu sonho: dança, música, teatro, muito movimento...

– Pare com isso, Pe. Luís Georgino, deixe esses sonhos! Não é nosso costume! – Retrucou Pe. José Eurico.

– Calma, Pe. José Eurico, o Pe. Luís Georgino está correto. Se essa é a visão que Deus nos oferece... Vamos começar pelo que eles conhecem de suas danças e músicas, daí podemos criar uma encenação que retrata a divina criação e assim conseguimos catequizá-los.

– E onde ficam os nossos princípios? – diz Pe. José Eurico! A nossa identidade cristã não permite “misturar-nos” com culturas “pagãs”. Temos que tratá-los de acordo com os nossos próprios métodos; e, se não aprenderem, apliquemos-lhes as devidas punições.

– Mas é justamente o contrário que devemos fazer, Pe. José Eurico! Se na oralização teremos dificuldades quanto ao ensino, imagine se lhes acrescentarmos punições! Iremos explorar outros métodos – diz Pe. Pedro de Castro. Começemos, pois, a trabalhar a intervenção desta prática. Vamos organizar as crianças em pequenos grupos, segundo as habilidades de cada uma, separando os meninos das meninas, e, à medida em que elas passarem menos tempo com seus pais, maior chance teremos em alcançá-los.

– Ademais, Pe. José Eurico – diz Pe. Luís Georgino –, percebam como essas crianças são receptivas ao ensino dos mais velhos! Entre elas há muita cooperação, não há punições! Vamos pensar nas práticas!

A apresentação teatral era uma forma de representar o cotidiano das sociedades tidas como civilizadas. Ali estavam presentes os costumes, a vida pública e política de uma determinada sociedade. Desta forma, a vida era expressa e os ensinamentos incutidos.

– Vamos então organizar nossas ações! – diz Pe. Pedro de Castro.

E, ao tempo em que assentamos os pequenos “curumins” à nossa volta e começarmos a lhes ensinar, escrevamos cartas à Coroa Portuguesa pedindo recursos para construção de uma escola, e que também nos envie educadores que auxiliem nesse processo de educação. Portanto, vamos!

– Pe. José Eurico, onde estão aquelas cartilhas que retratam a natureza? Diz Pe. Luís Georgino! Por intermédio delas, podemos trabalhar com os nomes da língua Tupi e assim nos relacionarmos com nossa própria língua.

– Bem lembrado! – diz Pe. Pedro de Castro.

Eu os vi no baú juntos aos livros sagrados! Pegue-os, Pe. José Eurico!

Uma vez orientados de como agir neste processo educativo e na companhia de Jacó, os padres seguem à praça para juntar os curumins e assim começarem a demonstração das figuras. Dessa forma se dá o primeiro contato educacional dos padres jesuítas na pequena vila de Nova Conquista. Os jesuítas vão interagindo com seus novos aprendizes e novos métodos de ensino vão surgindo para efetivar o catecismo proposto. Como também era de natureza indígena individualizar a educação de seus filhos por sexo, assim os padres separaram os curumins, mas com o intuito único de “civilizá-los”.

O trabalho dos jesuítas é interrompido pelos mais velhos, pois percebem que suas crianças não participavam das atividades rituais. Neste cenário, entra o Pajé Filho do Sol que reivindica seu direito sacerdotal, questionando as novas práticas do homem branco. No entanto, os padres creem que era necessário “humanizar” aqueles “primitivos”. O que fazer, então?

Apesar dos empenhos em conquistar e promover a paz com os nativos, os Padres Luís Georgino, José Eurico e Pedro de Castro sofrem intensa oposição; a insatisfação generalizada e o clima no aldeamento é perigoso, são constantes as reclamações. Preocupados com esses conflitos os padres ficaram alertas, pois tinham conhecimento de que outros missionários já sofreram e morreram nas mãos de índios revoltosos. Cientes do perigo iminente, fazem plano de retorno à metrópole.

– Bem que imaginei que civilizar este povo não daria certo! – disse Pe. José Eurico.

– Calma, Pe. José Eurico! Os caminhos que levam a Cristo são sempre tortuosos. Confie na providência divina, a obra pertence a ele; nós somos seus instrumentos. – diz Pe. Pedro de Castro.

– Mesmo com dificuldades, realizamos um belo trabalho! Os curumins já estão lendo e participam de nossos ofícios religiosos. Apesar de toda oposição, sinto que o Senhor abençoou nossa missão. E posso afirmar, feliz, que este meu sonho foi concretizado. – Fala Pe. Luís Georgino.

No entanto, os padres creem ser necessário “humanizar” aqueles “primitivos”. Era preciso levar aquelas pueris mentes “cativas” ao Evangelho, humanizando-as segundo os moldes da sociedade dita civilizada. O que fazer, então, para resolver este conflito? Pressionados pelos líderes da aldeia, os padres oferecem presentes (instrumentos, ferramentas, objetos etc) como forma de persuadi-los à aceitação da permanência das crianças consigo, despertando neles uma forma de encantamento e de interesses, que contribuiria para que mais adiante os jesuítas tivessem maior liberdade em alcançar os próprios adultos.

À noite, os padres retomaram a conversa para verificarem a possibilidade de uma nova intervenção de ensino. Pe. Pedro de Castro lembrava que não podiam mudar aquela cultura sem antes eles mesmos, de alguma forma, dela participassem. Era preciso estar mais próximo dos afazeres desta comunidade!

Logo se pronuncia o inflexível Pe. José Eurico:

– Lembrem-se, padres Pedro de Castro e Luís Georgino, não me submeterei ao paganismo destes selvagens! Devemos mesmo é imprimir-lhes as virtudes religiosas, os bons costumes e hábitos saudáveis, princípios de uma boa educação, o que, em verdade estes bárbaros não têm!

– Mas eles não possuem apenas uma cultura, Pe. José Eurico – diz sorrindo o Pe. Luís

Georgino! Podemos trabalhar com eles a partir das práticas diárias de sua comunidade. Como, por exemplo, podemos lhes ensinar o plantio e ajudá-los na fabricação de seus próprios utensílios! Assim, enquanto os pequeninos aprendem suas atividades, ensinamos a eles o Evangelho. Vamos trabalhar com o que já conhecem e, assim, conquistamos a confiança dos mais velhos ...

– Sim, Pe. Luís Georgino – interrompe o Pe. Pedro de Castro –, ainda podemos usar a expressão corporal de suas danças e culto, para levarem a uma verdadeira adoração! Vamos usar a força de sua tradição e de suas ações diárias para fortalecer os laços de amizade e ganhá-los para a Santa Igreja.

– Cuidado, meus irmãos – diz Pe. José Eurico, não podemos nos envolver com suas práticas. O que vós quereis fazer é algo completamente abominável!

Assim, na tentativa de expandir a fé cristã, os padres jesuítas começaram a trabalhar com os curumins aplicando o método de apresentação de imagens e troca de palavras, da expressão corporal por meio das danças e do teatro sem, contudo, negar as suas raízes, exceto na questão das divindades quando lhes são suprimidas a consciência animista. Logo, foram criadas as primeiras escolas nesta nova terra. Graças a essas instituições, a expansão da educação que alcançava não apenas os Guaianazes como também os colonos portugueses e seus filhos ali nascidos!

A razão de sua estada em terras brasileiras foi alcançada, novos missionários chegariam e lutariam pela permanência daquele povo. Os irmãos Luís Georgino, José Eurico e Pedro de Castro cumpriram sua missão catequizadora, educaram aquela comunidade ágrafa e ajudaram na colonização brasileira.

“Educar o homem indígena era uma forma de evangelizar; e evangelizar era uma forma de ensinar.”

DESTINO É DESTINO

Gleyce Ribeiro

Jéssica Laranjeira Guerreiro de Castro

Maria Janeide Araújo

Aos estudantes da Educação de Jovens e Adultos, que mesmo com a vida toda tendo lhes dito “nãos” em relação ao estudo, não desistiram de se escolarizar.

Estado do Pará sofreu profundas transformações nos primeiros anos do Século XIX. E, após a Cabanagem - movimento social ocorrido entre 1835 e 1840 - , o Estado se recuperava de uma década demasiadamente difícil, com uma grande convulsão política, social e de extrema desorganização econômica. Somente com o restabelecimento da normalidade institucional, com a posse de Bernardo de Souza Franco na chefia do governo, em 1839, é que se voltaria a pensar nos destinos da educação. As ruas paraenses, no ano de 1855, apesar dos resquícios dos anos anteriores, eram permeadas de esperança de que tempos melhores viriam; todavia, era visível que o principal objetivo dos habitantes era esquecer a época tão **penosa que se passara**.

Passados os anos difíceis, a simples, porém jeitosa Venda do Seu Luiz estava funcionando a todo o vapor. Seu Luiz, semianalfabeto, mas um mestre na arte de passar trocos, e Dona Lucinda, sua fiel esposa, debruçavam-se orgulhosos no balcão, ao lado de sua filha, Maria Potira, uma jovem quase adulta. Dona Lucinda tinha a saúde demasiadamente frágil e instável, pois em algumas épocas ela estava saudável e em outras piorava de súbito, principalmente quando era contrariada. Eles também tinham um filho mais novo chamado Marcos ou, simplesmente, Marquito. Todavia, ele não trabalhava e

nem ajudava em nada na venda de seus pais, pois nas palavras dos genitores, “o importante era que ele soubesse ler e escrever, além de não andar com os meninos filhos dos escravos, que não podem e nem irão estudar, pois não há necessidade disto!”. Marquito adorava brincar pelas ruas da cidade com seus amigos Dário e o escravo Bilico, contrariando a vontade dos pais, que não queriam a amizade de seu filho com estes meninos. A família morava no andar superior à Venda.

Potira ajudava no mercado da família e há alguns anos não ia à escola. Achava sua situação injusta, mas aceitava quase que resignada que, daqui a poucos anos, iria se casar e formar uma nova família, que é “como as coisas devem ser para uma moça”, frase que ouvia desde criança, seja pelas falecidas avós ou por seus pais. Naquele dia, ela ouviu tal sentença de sua mãe, quando Miguel Amorim, filho de José Amorim, proprietário de diversos estabelecimentos paraenses, incluindo a Venda, adentrou o estabelecimento. Seus pais tentavam empurrá-la para ele durante meses, sem sucesso.

Assim que Marquito chegava da escola, Potira, ansiosa, interceptava-o e perguntava como tinha sido o dia na escola. Como sempre, ele dizia:

- Horrível. Desde quando levar palmatória é algo bom? Ainda mais que o meu melhor amigo, Dário, não está mais estudando comigo... Se pelo menos Bilico pudesse estudar também... – Sob o olhar insistente de Potira, ele acabava continuando, com uma voz desestimulada:

- Hoje a aula foi de Princípios da Moral Cristã e da Doutrina da Religião Apostólica Romana. Quando perguntei o motivo de aprender aquilo, já que eu vou todo Domingo à missa, levei duas palmatórias! E o professor ainda disse que deveria ser na minha boca!

Potira, então, respondeu:

- Deverias agradecer por ter esta oportunidade de estudar e aprender. Pense que os teus amigos não podem ir à escola, mas tu podes, seu ingrato! – Marcos responde:

- O que eu queria mesmo era não poder ir, assim como eles! Eu não vejo a hora disso tudo acabar! Eu também detesto os monitores idiotas! E sei que nossos pais não vão poder me colocar no Liceu Paraense, porque eles vivem dizendo que são pobres demais para isso, então acredito que logo ficarei aqui, no comércio. E ingrata és tu, que estás com a

vida ganha, vais casar, como mamãe mesmo disse. Por falar nisso, nem costuraste minhas meias rasgadas, tens que aprender para coser as do seu marido...

Potira, a cada vez que ouvia isto, ficava sem palavras. Não era ser uma dona de casa o que ela queria. Ela almejava ter podido estudar mais, aprender mais e, quem sabe, realizar o sonho de ser uma professora. E ficava indignada cada vez que seu irmão desvalorizava tal privilégio. Ela chegou a frequentar a Escola de Primeiras Letras para Meninas. A iniciação das primeiras letras destinada para as meninas era diferente da instrução dada aos meninos, isso porque tal ensino, para as moças, era muito simplificado e leve. As jovens aprendiam primeiramente a ler, depois a escrever e, em seguida, o catecismo. Logo mais, elas aprendiam as quatro operações, e, por fim, aprendiam os mais mesteres próprios da educação doméstica: o uso da agulha de costura, depois o bordado e as regras de talhar e coser os vestidos. Seguindo essa lógica, elas se tornariam excelentes donas de casa. Potira sentia imensas saudades de suas amigas e das aulas de Aritmética, apesar de não sentir tanta falta das prendas que serviam à economia doméstica. As colegas todas estranhavam a visão de mundo de Potira, pois elas encaravam a escola como uma preparação para as suas vidas de casadas, o que era considerado por muitas “o ápice da vida de uma mulher”. Todavia, com a deterioração da saúde de sua mãe, a jovem precisou parar de ir à escola para ajudar no comércio, e seus pais não poderiam pagar professores particulares para continuar seus estudos. Na época, tal modalidade de ensino doméstico feminino era destinado apenas a pais esclarecidos, que mandavam vir mestres escolhidos com todo o cuidado.

Potira, então, tinha duas ansiedades em sua vida. A primeira, quando Marquito chegava de sua escola, e a segunda, quando todos iriam dormir cedo, após a missa de Domingo. Quando todos adormeciam, a moça corria para os aposentos de seu irmão e pegava seu caderno. A mãe de Potira não gostava de vê-la estudando, então tinha que ser escondido. O caderno era repleto de repetições, além de palavras mal escritas, mesmo um dos conteúdos sendo Gramática de Língua Nacional. Porém, graças a esse material ela conseguia se imaginar em uma aula e menos longe do seu sonho de ser uma professora, ao mesmo tempo em que pensava:

- Ó, como és ingrato, meu irmão... Como eu queria poder estudar...

Antes de amanhecer, Potira, que tinha a responsabilidade de cuidar dos materiais escolares de Marquito, devolvia o caderno à bolsa de seu irmão sem que ele percebesse. O menino, por sua vez, detestava ir à Escola de Primeiras Letras. Quase todos dias levava

pelo menos uma palmatória nas mãos. A situação havia piorado quando seu melhor amigo, Dário, estava impedido de estudar, pois havia sido supostamente acometido pela lepra no ano anterior. Todavia, a doença era alarme falso, já que ele não apresentava todos os sintomas da enfermidade. Mesmo assim, a sua permissão para estudar fora negada. Isto porque o acesso à educação primária não era irrestrito, pois havia os excluídos: os escravos e os portadores de doenças contagiosas. Quando se tratava dos acometidos por doenças endêmicas e epidêmicas, como a lepra, que assolavam as áreas urbanas e interioranas, a preocupação do sistema educacional era evitar o contágio, dadas as precárias condições de saúde e saneamento da época.

Marquito também adoraria ter a companhia de Bilico, filho dos escravos de José Amorim. Mas era sabido que ele não podia ir à escola, pois a preocupação em negar aos escravos e seus filhos o acesso à educação tinha como suporte a preocupação com a manutenção da estrutura de exploração escravagista do trabalho. As autoridades acreditavam que educar os negros era desnecessário, e também não tinham interesse em desperdiçar verbas públicas. Havia o medo, também, de que as escolas se tornassem zonas perigosas, lugares onde os escravos ou os filhos dos escravos pudessem se reunir e fomentar ideias revolucionárias.

Além dos escravos e dos doentes, Potira também se sentia uma excluída da escola. Ela estava cansada de ficar enfiada na Venda de seu pai e de ver seu irmão reclamar de barriga cheia. Ela lastimava a grande necessidade de pisar na escola pelo menos uma vez, para matar as saudades daquele ambiente, mas não sabia como fazê-lo. Porém, o destino conspirou a favor dela. Em uma segunda-feira, adormeceu cansada e acordou tarde o suficiente para ver seu irmão partindo. O caderno dele estava escondido embaixo do travesseiro dela. Então, teve uma ideia e falou sozinha:

- Não seria má ideia se eu devolvesse este caderno para ele...

Ao chegar à escola de seu irmão, quase chorou de emoção. Ela desejava imensamente estar estudando, sem se atemorizar com a ideia de ser uma dona de casa tão jovem. Sabia que diante das circunstâncias impostas, suas possibilidades de estudar em uma escola eram quase nulas, da mesma forma que era bastante difícil ter acesso a professores particulares. Entretanto, também pensava que sonhar era de graça. Todo ano criava esperanças de que poderia voltar a estudar, mas a cada vez que pedia ao seu pai, ouvia um alto e sonoro “não”, seguido da frase: “Você não precisa estudar, tem que cuidar de sua mãe e se casar depois.. É assim que as coisas devem ser para uma moça.”

Ao procurar seu irmão, teve que esperar o atendimento do diretor, que estava ocupado aprovando os livros didáticos que seriam utilizados. Nas escolas do Império, os livros, cadernos e compêndios só eram utilizados mediante a aprovação da Diretoria, debaixo das ordens do Governo. Logo após, o mal-humorado diretor a levou ao espaço onde seu irmão estudava. A moça ficou embasbacada com a quantidade de alunos que estavam naquele espaço. As aulas eram ministradas em um ambiente retangular, semelhante a um galpão, com várias cadeiras separadas de dez em dez, configuração característica do Método de Ensino Mútuo ou Método de Lancaster. Esse método consistia em o professor ensinar a lição a um grupo de meninos mais amadurecidos e inteligentes, os monitores. Então, todo o grande grupo de alunos era dividido em pequenos grupos e esses aprendiam a lição por intermédio daqueles a quem o mestre havia ensinado. Um professor principal poderia, assim, instruir muitas centenas de crianças, o que representava uma grande vantagem deste método.

Ao perguntar ao Diretor o motivo de tantas crianças estarem ali, ele, com arrogância, respondeu:

- Juntamos duas turmas porque uma outra Escola de Primeiras Letras se esvaziou e colocaram as duas turmas nesta sala porque era mais barato para o Governo! Dois pelo preço de um! Agora, com licença, preciso resolver uns pormenores...

Quando Potira se virou novamente para a sala, escutou uma voz seguida de um estalo intenso: - Não, professor, de novo, não!

De repente, percebeu que aquele berro lhe era familiar: era do seu irmão levando mais uma vez uma palmatória. Sem pensar, aproxima-se do docente e diz:

- Solte meu irmão, não faça isso com ele!

Para, então, ser interrompida pelo professor:

- Como ousas interromper a aula de Multiplicação? Quem pensas que és? Se o seu irmão é punido, é porque é insolente, petulante, desobediente e desinteressado. E meus monitores não me deixam mentir. Não é mesmo, Carlos e Ezequiel?

- Sim, mestre! – os meninos responderam em coro. A configuração da turma demonstrava

que o método em que as aulas eram organizadas mantinha a disciplina dos alunos, ainda que rotineiramente com o uso da força.

Potira percebeu, naquele momento, que já havia tido aquela aula. Os conteúdos de Matemática que haviam sido ministrados a ela, todavia, chegaram apenas às Quatro Operações da Aritmética. Seu irmão ainda iria ter outros conteúdos, como a Prática de Quebrados, Proporções e Noções Gerais de Geometria Prática. A abreviação de conteúdos escolares para as meninas era justificada pelo caráter simplificado destinado à educação de meninas da época Imperial.

O professor, então, conduziu Potira e Marquito a um local mais reservado e explicou o ocorrido:

- Ele não trouxe o caderno e errou a Tabuada do 8, pois 8 vezes 7 é 56, e não 58. E 8 vezes 8 é 64, e não 68! Pois amanhã ele irá escrever a tabuada 10 vezes, eu quero ver se ele vai esquecer!

Tal fala do docente demonstrava que o método era baseado em reproduções de fórmula e transmissão de conteúdos a serem memorizados e repetidos.

Marquito, então, se defendeu:

- Foi o próprio monitor que nos ensinou assim!

Potira o interrompe e diz:

- É verdade, professor. Acabei me atrasando e meu irmão levou a bolsa sem o caderno, por engano. Agora, vou levá-lo embora comigo, pois a mão dele está doendo demais...

O professor respondeu:

- Da próxima vez seja mais veloz e, assim que perceber sua negligência, traga logo o caderno dele. E pode levar essa peste, não fará nenhuma falta. É um regozijo para a minha alma ter uma hora de descanso desse caso perdido. Não sabes como eu tenho uma vida difícil, com um baixo ordenado que mal dá para eu viver bem.... E ainda tenho que cuidar

de um rio de alunos, para no final ter um demônio desses a me questionar e infortunar! Pelo menos meus rendimentos são vitalícios, pelo menos isso!

A moça percebeu, naquele momento, que o método ao qual seu irmão era submetido – e que ela mesma fora submetida quando estudava –, ainda que de forma diferente, não era nem de longe o mais apropriado. Mas o que seria pior do que ter tanta vontade de ir à escola e não poder? Além da questão da palmatória, que era prevista pelo Método Lancaster, tinha-se também a desvantagem do questionamento da real capacidade dos monitores que baseavam seu trabalho apenas em procedimentos pré-estabelecidos e que muitas vezes cometiam equívocos e os reproduziam, como no caso da Tabuada de Marquito.

No caminho de casa, o irmão de Potira agradece pelo fato dela ter esquecido o caderno, já que isso possibilitou que ele saísse mais cedo. Mas anunciou que iria contar para os pais sobre o esquecimento da irmã. Ela, então, tem uma ideia:

- Por favor, não conte! Eu posso te buscar mais cedo em alguns dias, desde que você não conte a ninguém! Eu consigo até distrair mamãe! Mas, eu gostaria que você deixasse eu ler seu caderno de vez em quando.

O menino, percebendo a vantagem que teria, uma vez que, ao sair mais cedo, poderia brincar com os seus amigos, dá de ombros e aceita o trato.

A estratégia estava funcionando há semanas. Todavia, um dia, Dona Lucinda decidiu ir ao Ver-o-Peso para fazer compras para a Venda. No caminho, viu Potira observando Marquito brincar com os amigos e lendo o caderno do irmão. Foi aí que percebeu que de vez em quando a sua filha saía para comprar determinado tempero, muitas vezes não retornando com o produto, e que Marcos voltava com ela, suado e todo sujo de lama. Furiosa, decidiu esperar seus filhos, e, quando chegaram, esbravejou:

- Potira, eu já sei de tudo! Bem que eu estranhava a sacola de compras vazia. Mentirosa! Seu irmão voltava imundo porque estava brincando ao invés de ir à escola! Entenda que ele pode, já você não precisa! És uma decepção! E também uma péssima dona de casa. Se não serves nem para costurar as meias de seu irmão, furadas há semanas, como vais casar assim?

Potira, cansada de toda aquela situação, desabafa:

- Eu não quero casar nem tão cedo, então não me importa. Eu não queria ter a vida que a senhora leva, não.

- Olhe, sua insolente... – De repente, Dona Lucinda senta na cadeira, ofegante. Seu rosto estava pálido e com as veias saltadas.

O pai de Potira, que ouvira tudo, então disse:

- Deste jeito vais matar a sua mãe de desgosto. Olha, eu não sei mais o que fazer contigo, és uma decepção para nós! Continue com seus delírios, mas saiba que se você não casar e tiver filhos serás uma vergonha para a família!

Potira, então, sai aos prantos, sem rumo, até que vê que a igreja está vazia e a torna um refúgio naquele dia tão difícil. Uma freira, assim, chega ao seu encontro, perguntando o que acontecera. Diante do choro ecoante de Potira, a levou para a biblioteca recém-reformada do Convento das Dorotéias. A jovem ficou maravilhada com os livros e com a possibilidade de estar naquele lugar. Ela, então, pergunta à irmã:

- Há quanto tempo moras aqui?

- Há seis anos. Estudei no convento, agora cuido da biblioteca e organizo a igreja quando o Padre Almir me pede.

De repente, os olhos de Potira brilharam. Ela, então, perguntou:

- E o que as noviças estudam no convento?

- Estudamos História e Geografia religiosas, latim, música e lições de costura, como a fição, a renda, os bordados e a tecelagem. No primeiro ano, estudamos mais o catecismo, o retiro e a primeira comunhão.

Ao ver que estava anoitecendo, Potira agradeceu e no caminho de volta pensava que não deveria ser tão difícil viver em um convento. Afinal, não tinha vontade de casar

tão cedo. Os trabalhos de agulha poderiam ser dispensáveis, mas qualquer coisa seria melhor do que continuar do jeito que estava. O maior desejo da jovem era se livrar das obrigações excessivas, das cobranças e, principalmente, de seus pais querendo lhe arrumar um marido. Além disso, só de ter acesso a uma biblioteca, mesmo com a maioria dos livros sendo de teor religioso, e ainda que não fosse por todo o tempo, já seria de excelente grado. O maior problema seria explicar essa decisão para seus pais, que certamente não aceitariam.

Potira ficou amadurecendo a ideia. Durante este processo, ia constantemente à igreja, com a desculpa de que iria orar, mas na verdade ia até a biblioteca do convento, na medida em que alimentava o destemor necessário para contar aos seus pais a sua escolha. No dia em que a coragem chegou, a moça adentrou o pátio da Venda. Até que percebeu que seus pais estavam aos prantos. Seu pai falou, com as mãos na cabeça:

- Filha, aconteceu uma tragédia! José Amorim, pai de Miguel, está pedindo de volta todos os estabelecimentos e casas desta rua. Se ele fizer isto, seremos despejados!!!!

A mãe de Potira lembra à filha que o senhor José Amorim já reclamou que precisava “dar um jeito” no filho, um típico bom vivant da época. E também já havia reforçado que o Miguel, filho do homem, tinha um grande apreço pela moça. Em nenhum momento foi questionado a Potira se ela mesma tinha algum interesse no rapaz. Dona Lucinda, então, explica à filha que sua saúde está cada vez pior e que poderia até falecer se perdessem tudo. Aos prantos, mas com um ar de manipulação, pediu:

- Filha, case-se com Miguel, ele é apaixonado por ti, vive aqui na Venda só para te ver, não é segredo para ninguém que ele está interessado! É a única forma de nos salvar da ruína! E tu sabes que “é assim que as coisas devem ser para uma moça!”.

Potira, a ponto de explodir em lágrimas, perdeu a coragem de revelar a resolução tomada. Ela não queria este destino, mas já estava cansada de lutar. A cada solução que encontrava para chegar perto de se escolarizar, acontecia algo que a levava ao zero, repetidas vezes. Então talvez fosse hora de se resignar e aceitar de vez a sua sina. Além disso, jamais conseguiria conviver com a culpa se algo acontecesse à sua mãe. Ela acaba decidindo casar com Miguel, para a alegria e alívio dos seus pais e intensa felicidade de seu irmão, que logo assumiria seu lugar na Venda, já que a partir dali ela deveria ficar em casa e cuidando dos filhos que teria com seu futuro esposo.

Em questão de semanas, o noivado e o casamento foram organizados. Era visível no rosto da noiva, na festa de casamento, a tristeza e raiva em seu olhar. Ela sentia todos os seus sonhos já comprometidos, dissipando-se de vez. E sabia que, dali em diante, não teria mais nenhuma chance de estudar e, mesmo com o coração partido, ainda conseguia ver os olhares invejosos de suas amigas da época de escola, que almejavam estar ali em seu lugar, casando. Ao contrário de Potira, Dona Lucinda estava radiante, com uma repentina vitalidade em seu rosto.

No dia seguinte, Miguel vê Potira em sua nova casa chorando. Então, pergunta:

- Por que estás chorando? Diga-me o que queres, eu compro. Olha, eu também não queria casar nem tão cedo, mas estava na hora e meu pai precisava pensar que eu me tornei um homem responsável, já que iria tirar todo o meu dinheiro se eu continuasse naquela vida. Agora teremos que ser marido e mulher como tudo deve ser... E também te acho uma linda moça. Mas, vamos, diga-me o que queres...

- Queria apenas duas coisas, uma impossível e a outra mais impossível ainda. A primeira era ter nascido homem e rico, para poder estudar tudo o que eu queria e poder ser o que eu desejasse, porque nem na Escola de Primeiras Letras eu tinha acesso a todos os conteúdos que os garotos tiveram. Para a instituição, o importante era que eu aprendesse a costurar as meias do meu futuro marido. A segunda é mais impossível ainda. Era nascer numa época ou em um mundo em que todos pudessem estudar sem nada e nem ninguém impedir! Mas, como minha mãe fala, “é assim que as coisas devem ser para uma mulher”: dona de casa, boa esposa, com uma penca de filhos, não é mesmo? Então, infelizmente, nem você e nem ninguém poderão fazer mais nada!

Potira saiu do recinto em lágrimas de angústia e resignação. Percebeu que o destino de uma moça em suas condições era aquele e que “nem todo o esforço do mundo” seria capaz de mudá-lo.

OS RANGEL

Priscilla Nascimento Silva¹

Rafaela Albuquerque Monteiro²

Do alto da janela do sobrado, dona Carmencita Rangel observava a movimentação diante do seu estabelecimento. Um escravo de ganho deixou escapar da cabeça um caixote sem tampa, com latas de doces, ao descer a ladeira em frente à Igreja de Nossa Senhora do Amparo. Esta que dava nome tanto àquela ladeira quanto ao largo comercial. Muitos não se acostumaram com as pedras escorregadias que ladeiravam e formavam o calçamento de Olinda. Quando chovia, as antigas ruas demandavam cuidados e um tanto de experiência. Escorregadias as pedras ficavam, e pior, soltas por falta de zelo. Tropeços e escorregões levavam ao chão, de fato, os desavisados e inexperientes.

Apertando os olhos tentando identificar o pobre coitado, dona Carmencita reconheceu aquele como um dos seus. Ela mandou buscar a encomenda na parte alta que serviria para a produção dos pães melados a serem vendidos na parte térrea do sobrado, ao lado de outros variados produtos. Notou como o sujeito foi hábil em recolher as latas que rolaram ladeira a baixo, antes que algum moleque desocupado, como tantos que por ali ficavam, tomasse posse dos produtos alheios. - Aquele lá ainda vai me dar prejuízo. Em voz alta, dona Carmencita continuou a falar irritada, direcionando a atenção para o seu marido: - se apresse, Antônio! Não quero me atrasar para a entrega, ande! Até chegarmos

1 Graduada em História pela Universidade de Pernambuco e Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco

2 Graduada em Administração e MBE em Gestão com Pessoas pela Universidade de Pernambuco e Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco.

em Recife já terá passado do meio dia e a senhorita Francine marcou para às quatorze horas o início da cerimônia.

Dona Carmencita iria até o Recife receber juntamente com o Sr. Antônio o diploma da filha Cecília. A filha única do casal estudava numa escola para moças no bairro da Boa Vista. Aquele era o último ano escolar dela. Recomendada pela mãe, passou a morar na casa da madrinha já idosa, residente no mesmo bairro e, assim, pôde realizar os seus estudos em uma escola exemplar. Sem a presença de negros alforriados ou mulatos metidos ao prazer do luxo frequentadores das poucas escolas em Olinda, como costumava comentar dona Carmencita. Logo mais, ela traria de volta para casa a sua menina, a fim de resguardar os cuidados de Cecília, que já estava a ponto de se casar.

Era o início de dezembro do ano de 1880. No último mês do ano, era comum que as escolas, espalhadas pelo Recife, abrissem suas portas para receber em festivas cerimônias os pais dos alunos que estavam prontos para receber a entrega da certificação pelos estudos realizados. Para alguns pais, a pompa das cerimônias festivas servia para decidir se os seus filhos continuariam ou não, caso os mestres lhes mostrassem notórias necessidades nas escolas. Ademais, servia também para reparar a vida dos demais, invejando uns aos outros, senhores e senhoras esbanjadores de suas riquezas. No caso de Cecília, a moça que naquela altura acabara de completar quinze anos, já havia aprendido cálculos básicos e leitura exímia, treinou canto e piano. Aprendendo com sua madrinha a arte do bordado, do crochê e, o mais importante para a sua mãe, os bons modos para ser uma mulher do lar. Ou seja, conquistas suficientes para alcançar um bom partido. Só entrou para a escola porque, naquela época, frequentar um espaço como aquele a colocava ao lado de outras moças da alta sociedade. Aquela família não tinha tantas finanças, bem como muitas outras burguesas, mas a venda de alimentos, tecidos e variedades no sobrado comercial em Olinda lhes garantia a aparência de uma classe respeitosa.

A escola para meninas, frequentada por alguns anos por Cecília, funcionava nos andares superiores de um amplo sobrado de número 15, no Bairro da Boa Vista. Na entrada deste sobrado, eram comercializados perfumes, a fragrância daqueles vidros se estendia pelo corredor que levava à escada para o acesso aos andares superiores onde funcionavam as salas de aula. O sobrado era arejado, mantendo as promessas de limpeza e organização, de acordo com o que a professora Francine costumava divulgar nos jornais, e o espaço e as suas aulas adequadas a métodos portugueses. E foi assim, por meio de um anúncio, que dona Carmencita e Sr. Antônio escolheram quatro anos antes a escola da filha. Naquela época, divulgar seja lá o que fosse em jornais era a segurança de fazer chegar

aos lares tradicionais a venda de diferentes serviços. Aos que podiam pagar, optar por imagens nos informes complementadas por notas de palavras era o ideal; para os mais simples, só a nota de resumo já era o bastante, como fazia a senhorita Francine.

A claridade da tarde do Recife deu ar de requinte à cerimônia de entrega dos certificados. A luz do sol e o vento ao entrarem pelas amplas janelas do sobrado arejavam o espaço das salas, higienizadas severamente no dia anterior. As moças tinham colaborado na decoração das paredes com toalhas rendadas, nelas estavam fixados alguns textos, pinturas e outras produções elaboradas por elas nos últimos meses. As mesas estavam devidamente alinhadas e cobertas com toalhas bordadas. Sob as cristaleiras e centros, era possível reparar algumas poucas fotografias, com arranjo de gérberas. Se naquele espaço um dia existiu alguma desorganização, a senhorita Francine conseguiu, então, disfarçar muito bem.

Das quinze moças que receberam os certificados, seis continuariam a frequentar as aulas. A experiente professora dominava a arte do convencimento e além de manter para o seu alívio aquele número de alunas, tratou de assegurar a matrícula de mais quatro meninas naquela mesma ocasião. Por meio dos anúncios em jornais, certamente, conseguiria receber novas alunas.

Cecília estava aliviada. Receber os pais naquela festividade valeu mais do que o bom êxito na escola. Era a certeza de voltar para casa, ainda que, não tão longe, mas ter os seus pertences ao seu modo em seu quarto, comer as refeições preparadas por sua mãe, receber os cuidados de Julieta, a escrava do seu lar, e o fim das exigências contínuas tanto da Senhorita Francine quanto da velha madrinha, dona Iolanda. A moça era vistosa, ainda que não muito alta, tinha puxado os olhos e cabelos castanhos da mãe e sua brancura. Do pai, tinha a personalidade graciosa e uma presença como poucas. Cecília estava usando, como as demais moças, um vestido sem cortes tão elaborados, mas ávido de tão engomado. Uma fita azul anil transpassada na cintura, com meias e sapatos brancos completando a sua formosura. As moças recepcionaram seus pais com graciosidade, demonstrando falas curtas e ar de bons modos.

A entrega dos certificados ocorreu de forma breve. Já a festividade ultrapassou a noite, regada de bebidas, doces e boa música. Dona Carmencita e Sr. Antônio ouviram informações da vida dos outros senhores e senhoras, e pouco falaram sobre si. Antes das cinco horas, a família se retirou. Passaram brevemente pela casa de dona Iolanda. À idosa foi entregue, pelo Sr. Antônio, um envelope volumoso. Seria o último dos muitos agradecimentos.

pagos pelo tempo em que Cecília passou em sua casa. No caminho de volta para Olinda, já anoitecendo, repararam o movimento festivo em outras escolas do Bairro da Boa Vista, avistaram o grande comércio local e foram pelo caminho enchendo os ouvidos de Cecília com os últimos casos ocorridos em Olinda. Eram mais fofocas, mas a moça ouvia com atenção. Cecília sempre foi bastante paciente. O sobrado naquela noite voltou a ter o perfume da moça formosa pelos cômodos.

Seguiram dias tranquilos por Olinda, o clima de final de ano deixava os moradores mais simpáticos do que de costume. No sobrado comercial dos Rangel, os produtos tinham uma saída de venda muito boa, era a melhor época para obter bons rendimentos. Além do mais, aproximava-se a festividade religiosa de Nossa Senhora de Guadalupe. Faltando quatro dias para o dia da santa, dona Carmencita já tinha vendido muitas velas, colocou seu nome no livro das famílias patrocinadoras e teria encontrado uma forma de lucrar mais alguns réis com a venda dos maços. Também iria receber a imagem da santa no sobrado, para a noite de reza do terço. Seria um disparate das outras senhoras não obterem as velas vendidas pelos Rangel como forma de fidelidade.

Na manhã do dia 08, o Sr. Antônio recebeu, em meio às encomendas do sobrado, uma carta de um de seus primos, nela se lia:

Aliança, 28 de Novembro de 1880.

Antônio, primo mais próximo.

Envio-lhe esta anunciando a minha transferência para próximo de ti e de tua família. Nosso engenho precisou ser reduzido, as coisas não são mais as mesmas. A terra aqui já não mais prospera como antes. Explico-lhe melhor quando juntos estivermos.

De antemão, peço-te que me consiga uma moradia arejada próxima da tua, com conforto e vento corrente. Talvez a brisa que chega do mar e a movimentação dos bairros animem Silvia, que sofre de tristeza. Não te preocupes, ainda possuo bons rendimentos. As crianças irão junto conosco, e Diego, meu primogênito, deve chegar em breve de São Paulo, quando lá já estivermos.

Lembranças à Carmencita e Cecília.

Compartilhando a novidade com esposa e filha, Sr. Antônio levantou questionamentos. Sua relação com o primo Manoel foi sempre de bom grado, mas como um homem dono de engenho, ligado à produção de açúcar, decidiu morar justamente em Olinda. – Pelo que ele diz, muito mudou Antônio. Respondeu dona Carmencita. – Pelo que ando lendo nos jornais, muitos engenhos já não produzem como antes. Além do mais, essa redução da compra de número de escravos nesses últimos anos, reivindicada por esse bando de agitadores metidos a republicanos, desalinha os senhores de engenho, afirmava o Sr. Antônio. Já Cecília recebeu a notícia de forma estimada, ter os pequenos por perto alegraria a vida no sobrado, fazendo-a sair da monotonia do comércio local.

Dona Carmencita mandou logo Julieta dar um jeito no sobrado, a coitada da negra fazia de tudo na casa. Como não sabiam quando o primo e família chegariam, era necessário deixar a moradia um brinco. A começar pelo quarto vago, para receber o casal. Já os dois pequenos poderiam dormir com Cecília. À tarde, Sr. Antônio saiu em busca de uma moradia para o primo. Tinha ouvido falar que entre a Sé e o Varadouro boas residências estavam sendo colocadas à venda, mas era necessário, rigorosamente, averiguar.

Passados quatro dias, os Rangel recebiam o Sr. Manoel, dona Silvia e os dois filhos mais novos do casal: Tiago, o mais crescido, e Carolina, a caçula. Trouxeram consigo quatro escravas que se dividiam em cuidar dos pequenos, acompanhar dona Silvia e certamente realizar serviços domésticos. Já bem instalados e sentados à mesa para o almoço, a família do sobrado falou sobre os negócios do local, de Cecília e das atividades de Olinda. Mais tarde, sentados na sala, o primo Manoel explicou para o Sr. Antônio os reais motivos da sua vinda. Falou de que perdera muito do seu poder sobre as terras herdadas do avô, vira a sua vida ser transformada pela falta de controle de financeiro, perdera negócios, escravos e fora atingido pela falta de infertilidade dos solos canavieiros. Parecia que um mau agouro tinha passado pela casa grande, perdendo espaço para os concorrentes que enriqueciam dominando a política e as pessoas da Mata Norte. Ele tinha investido grande parte dos seus lucros nos estudos do mais velho, mandando-o para São Paulo, a fim de estudar Direito e viver na casa do compadre que lhe devia favores. Carregava o fardo de ter uma mulher aprisionada por uma enorme tristeza doentia e o compromisso de zelar pelos dois filhos ainda pequenos. O dinheiro que lhe restava serviria para comprar uma nova moradia, pensava em investir na venda de grãos e com o rendimento cuidar da família. Também era necessário colocar os filhos em uma escola, quem sabe os estudos

não lhes garantiriam maior sorte. O Sr. Antônio ouvira tudo aquilo com bastante cautela e, reflexivo, esboçou apoio ao primo. À noite, todos foram para a igreja, era dia de Nossa Senhora do Guadalupe, o festejo seria bom para que os recém-chegados se adaptassem aos costumes locais.

Próximo à virada do ano, já tendo passado o Natal, a família vinda de Aliança, encontrava-se instalada no casario de número 37, na Rua do Bonfim. A localização era boa, auspiciosa para bons negócios. Transeuntes que desciam a ladeira da Sé em direção à Igreja de São Pedro Mártir passariam pela porta daquela moradia comercial. Nela, o Sr. Manoel já mandara escrever em tinta “Manoel Rangel: Grãos variados por um bom preço.”. Passadas as festas, Sr. Manoel já estava vendendo seus grãos. Tinha açúcar, feijão, milho e outros produtos vindos do interior. Tinha se separado da vida do engenho, mas ainda negociava com produtores aliados, abastecendo, assim, o seu pequeno e mais novo comércio.

Naquele início de Janeiro, o Sr. Manoel se preocupava com a educação dos seus dois pequenos. A mãe dos dois, coitada, não tinha sequer ânimo para lhes ensinar os bons modos. O pai pensava que colocando os filhos na escola iria assegurar a instrução e postura elementar para ambos. Procurou saber logo como funcionavam as escolas em Olinda.

Por ali, algumas escolas públicas eram as mais frequentadas. Naquele local, em comparação com o Recife, não havia tantos benefícios para ter aulas particulares, pois sua população era um tanto menor e menos rica. As escolas se dividiam em dois graus: o primeiro possuía matérias ligadas à instrução religiosa, moral, leitura, escrita e análise gramatical. Além disso, tratava também do ensino das quatro operações com números inteiros e sistema de pesos e medidas então utilizados na província. Nessa fase primária, os alunos eram divididos em oito turmas. Obedientes a uma ordem crescente, os aprendizes eram separados de acordo com os atrasos ou adiantamentos de saber individual. Com relação às escolas de segundo grau, elas possuíam matérias ditas para além da instrução primária. Porém, esses dois graus e características escolares estavam destinados para os meninos.

No caso das meninas, as escolas públicas ensinavam o uso das linhas de forma geral e alguns ambientes de ensino, quando conseguiam, pelo conselho Diretor estavam autorizadas a ensinar matérias do segundo grau. Na maioria dos casos, devido aos costumes da época, a cultura doméstica era o principal conteúdo a ser ensinado para elas.

Tais informações foram recolhidas pelo Sr. Manoel tanto em longas conversas com o primo Antônio quanto com clientes compradores de grãos, frequentadores de seu comércio. Alguns padres e aprendizes do clero enchiam os ouvidos daquele pai, quase o convencendo de que o destino dos filhos estaria no recolhimento religioso. Mas, Manoel dizia que não, que já tinha um filho advogado e faria do menino Tiago outro doutor da família. Para Carolina, buscaria um casamento proveitoso, pois ainda cedo queria fazer da filha uma moça honrada e cheia de dotes.

Remoendo ideias e passando horas lendo anúncios em jornais, Sr. Manoel pensara ser necessário conhecer os métodos de ensino. Afinal, para fazer do filho do meio um futuro advogado, precisaria deixar acertado o melhor ensino. Naquela segunda metade do século XIX, predominavam na província pernambucana três métodos de ensino. Começou a entender, basicamente, que a Cartilha Maternal ou Arte da Leitura formava a base do método João de Deus. Esse método defendia a competência dos alunos em conhecer as palavras, depois as letras e os sons. Notou que muitos anúncios destacavam o método Castilho. Ao pesquisar, entendeu brevemente que as aulas baseadas nessa técnica eram diferentes do método João de Deus. Uma vez que, estando o professor à frente dos alunos em sala lhes ensinaria as letras, depois a soletração de sílabas para só, então, formar palavras, frases e finalmente textos. Achou esse bem mais válido. Por fim, tomou conhecimento do método Americano. Esse que estava começando a ser divulgado também era chamado de método “Intuitivo ou Lições de coisas”. Sr. Manoel entendeu que tal metodologia valorizava a intuição, a observação e evitava a memorização. Dentre os três, achou esse o menos interessante. Queria algo mais ligeiro. Apesar de ter sido ensinado de forma rigorosa por mestres que iam até o velho engenho em Aliança, em uma época muito rica da sua família, ele tomou gosto pela leitura e valorosa intelectualidade nos livros. Informar-se sobre as técnicas utilizadas nas escolas de Olinda e Recife era algo bem interessante. Descartou a possibilidade de colocar os filhos em escolas que seguissem métodos múltiplos de ensino e elegeu o método Castilho como o melhor. Mas em que escola iria matriculá-los?

Caminhando por Olinda percebeu nos prédios que abrigavam as escolas públicas certa falta de rigor e baixa aparência. Lembrou que o primo Antônio tinha tratado da escolarização de Cecília com bastante enaltecimento e foi para junto dele melhor se informar. Antes investir o que lhe restava do que ver seus herdeiros nada construírem financeiramente. Honrar pela continuidade do sobrenome da família era fundamental. Juntos pela manhã, aproveitariam a ida ao porto do Recife para buscar o primogênito, Diego, que estaria chegando de São Paulo e iriam trafegar pelos bairros com escolas

particulares anunciadas nos jornais.

Já no porto, receberam o rapaz alto, bem vestido e de cabelos muito bem alinhados, com orgulho e satisfação. Pai e tio viram em Diego um exemplo de homem formado pronto para alcançar grandes êxitos por intermédio das leis. Despachada a bagagem de antemão para Olinda, por meio de um entregador, saíram os três a caminhar por alguns bairros do Recife. Diego, ainda acostumado com pompas e vícios paulistanos, reparou como alguns bairros tinham aspectos parecidos como os que conhecera. Gente, comércio e certa desordem eram notadamente visíveis na terceira maior e populosa cidade do Império. No mesmo bairro do porto, no Bairro do Recife, funcionava uma intensa área de comércios atacadistas ligada à importação e exportação de produtos. Próximo àquele local, havia o Bairro de Santo Antônio e o de São José. Neste último, passaram próximo, mas, a fim de evitar a pobreza que o caracterizava, seguiram para adiante.

Depois de ter compartilhado um pouco sobre as novidades e mudanças para o filho, Sr. Antônio pediu orientação para o primo, para que pudessem se dirigir até a Rua do Imperador. Aquele senhor tinha percebido que, grande parte dos anúncios em jornais, principalmente no mais conhecido, Diário de Pernambuco, aludia às boas escolas daquele local. Ele compreendeu também que as escolas pagas estavam concentradas nos sobrados, casarios e casarões pelos bairros que passaram: pelo bairro da Boa Vista onde a sobrinha Cecília estudou e, mais adiante, nos arrabaldes da Madalena. Esta que, para ele, estava fora de cogitação, pois naquele núcleo os cruzados exigidos para os pagamentos dos internatos e escolas estavam acima dos seus lucros comerciais e proveitos resultantes do velho engenho.

- Confias nos simples anúncios de jornais, meu pai? – Indagou o jovem Diego. – Confio desconfiando, meu filho, e é por isso que prefiro ir pessoalmente. Mas, noto que, na Rua do Imperador, pelos comentários ditos por teu tio Antônio e pela boa localização do bairro de Santo Antônio, teus irmãos estarão bem abrigados nos estudos. Respondeu Sr. Manoel: – São muitas escolas nas ruas que formam o bairro da Boa Vista, em uma delas estudou Cecília. Os números passavam para mais de vinte, a maior parte deles de ensino particular. Sei que no bairro de São Frei Pedro Gonçalves do Recife, lá onde fica o porto, o número de escola é bem pequeno, quase não se vê. Continuando eles a conversar...

Chegando à Rua do Imperador, vislumbraram a altura dos sobrados, muito deles bem conservados e de amplas janelas abertas que davam diretamente às vistas para a movimentação da rua. Aquele local era o preferido para professores e professoras

estrangeiros aplicarem os seus métodos de ensino.

No sobrado de número vinte e nove estava funcionando o colégio para meninas, direcionado e com aulas ofertadas pela senhora Prescilla Silva Mendes Albuquerque. Um cartaz colado na parede trazia as mesmas informações divulgadas por anúncios dali publicado no Diário de Pernambuco: “aula já muito conhecida, que segue o método Castilho”. Na mesma rua, funcionava o Colégio de Inglês, no qual se ensina a ler, a escrever e a falar inglês por meio do método do suíço Pestalozzi. Nos sobrados e casarios vizinhos, foi possível ler, pelo sobrinho Diego e pelos tios, os letreiros em placas entalhadas de madeira ou diretamente pintado nas paredes o nome entre outro do Colégio Americano para Meninas e do Curso Minerva Internato e Externato.

Ao entrar nas escolas, reparar nas acomodações e segurar os bolsos, Sr. Manoel considerou por satisfeito os réis a serem empregados para a educação do filho pequeno, Tiago, que já com doze anos, ainda desconhecia as letras e números. Sr. Manoel acordou com o diretor do Instituto de Nossa Senhora do Carmo, no palacete de N° 72, a matrícula do filho. Aquela era uma escola direcionada somente para meninos, e ficou acordado entre pai, tio e sobrinho diante do mestre diretor a instrução de Tiago na instrução primária e em caráter de pensionista. A cada quinze dias, o pai buscava o filho nos finais de semana e ficou incumbido de trazê-lo de volta para a aula semanal iniciada sempre às oito da manhã pelo verão e trinta minutos após as oito no inverno.

Faltava escolher a escola de Carolina, a caçula, que naquela altura estava com dez anos de idade. Ao ser aconselhado pelo primo, Sr. Manoel achou por melhor seguir os mesmos passos traçados para Cecília. A menina ficaria aos cuidados de dona Iolanda, que voltaria a ser beneficiada por pacotes com réis e, desta vez, seria ainda recompensada por uma das escravas trazidas pela família do engenho. De tão idosa e cheia de dedos, Iolanda não tinha mais paciência, porém disfarçou bem e pensou no retorno de bons rendimentos. No bairro da Boa Vista, no sobrado de número 44, funcionava no segundo andar a escola da professora Maria da Conceição de Drummond, vizinha à escola frequentada por Cecília.

Ler, contar e escrever compreenderia o básico aprendido mais por Tiago e brevemente pela irmã Carolina naquela época ao cursarem as primeiras letras. Independente do método, a maior parte das escolas acabavam repassando tais conteúdos, acrescentavam outros a mais e sempre as maiores contas de réis eram pagas pelos pais. Valores pagos, compromissos traçados. Em direção à casa, ainda não conhecida por Diego.

Pai, filho e sobrinho foram recepcionados já no anoitecer pelo que sobrara da família Rangel. Dona Carmencita já havia martelado mais cedo o juízo da filha Cecília sobre as suas chances com o primo Diego. Era tanto interesse que não importava ser do mesmo sangue, era até melhor. Sr. Manoel pensava no destino dos filhos mais novos, para os quais investiu financeiramente.

Mais cedo, no mesmo dia, olhava para a esposa com saudade dos tempos em Aliança, buscando entender onde se perdeu a alegria daqueles olhos. Sr. Antônio reparava na artimanha da esposa em entregar de bandeja a filha para o sobrinho por meio das frases tamanhas de elogios direcionadas ao rapaz e à moça. As crianças se alimentavam. No mês seguinte, iria cada qual para as escolas escolhidas para si. No andar de cima, as escravas conversavam em tom quase imperceptível sobre a chegada do primogênito.

No bairro vizinho no sobrado do Amparo, a escrava Julieta ficaria até tarde da noite engomando a roupa dos donos da casa. Enquanto na parte térrea do sobrado o escravo de ganho da casa separava os pães melados a serem entregues por ele no outro dia, obedecendo às ordens de dona Carmencita. Queria saber fazer contas, escrever o nome aqui não revelado e ler cada palavra daquelas latas, potes e sacos. Que tolice a minha! – Pensou o escravo.

Rumos que seguem nas ruas enladeiradas lá fora. Já era tarde da noite em Olinda.

REENCANTO

Bruno Aroucha Regis¹

Leilane Bezerra da Silva²

Essa é a história de um encontro daqueles que a gente se arruma, deixa tudo preparado, mas desanima de tanto esperar e não aparecer, de tanto agendar e não acontecer, de tanto sonhar e não viver. Daqueles que faz a gente parecer besta de insistir naquilo que ninguém mais vê futuro. Porém, em dia seco de um verão de janeiro, como se fosse de repente, germina a semente e a flor nasce no chão, feito herança ancestral. A causa perdida encontra o endereço; o fim vira recomeço e, mais uma vez, o relógio zera, pra gente seguir na luta, pois é no caos desta geração que mora a esperança da geração futura.

Ou

Essa é a história da educação.

O primeiro dia de maio de 1889 amanheceu com um sol tímido, acompanha-

1 Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco. Especialista em Educação a Distância.

2 Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da pela Universidade Federal de Pernambuco. Especialista em Docência e Performance na Educação a Distância.

do de um leve chuvisco, daqueles que se olhasse pela janela nem parecia que estava chovendo e tinha que ver as poças d'água para confirmar a queda dos pingos. Além dessa função, as poças também divertiam as crianças, tanto aquelas de resquício de uma madrugada chuvosa como as da água do cântaro derramada no banho dos cavalos.

Quando José viu a poça, correu e pulou nela, como ali fazia toda criança de nove anos. Além disso, ele adorava observar o reflexo do seu rosto nas poças d'água. Seu irmão Francisco, mais velho três anos, preferia pular por cima da poça e, quanto maior ela fosse, melhor seria o desafio de passar para o outro lado sem pisar na água. Eram esses os raros momentos de leveza que aconteciam a caminho do trabalho. Eles eram ajudantes do pai, Everaldo Estelita, que há dez anos armou uma banca improvisada às margens da praça Maciel Pinheiro, onde passava o dia, de segunda a sábado, consertando e vendendo sapatos usados enquanto sua esposa Fátima costurava em casa, com ajuda de Cibele, a filha mais velha deles, de quinze anos.

O centro da cidade acordou na calma após um final de semana agitado. Porém, ainda pairavam rumores de mais resistência política e novas reuniões da classe operária, que não aceitava as privações dos seus direitos e as más condições de trabalho. Outros grupos civis compostos por políticos e professores que lutavam por melhorias na educação e por um modelo estatal com mais autonomia para as províncias, também se juntavam à mesma causa e enfrentavam embates com a Imperial Guarda de Polícia. Eles se reuniam na Praça Maciel Pinheiro onde a Guarda Real montava sentinela e gritavam a frase do poeta Castro Alves: “A praça é do povo, como o céu é do condor!”. Mas nem todos eram a favor dos protestos, a exemplo de Everaldo, que já havia dito: “Isso num adianta é nada! Esse povo qué moleza, mai tem que trabaiá e cabôsse. Manda quem paga e obedece quem é liso!”.

Ele ainda mantinha esse discurso às vésperas de completar um ano do fim da ordem escravista, o que alimentou um sentimento de mudança naqueles que respiravam a atmosfera de opressão. Aos oito anos de idade, Everaldo começou a trabalhar sozinho com seu pai após perder a mãe e o irmão no surto de Cólera que acometeu Recife em 1855 enquanto fugiam do engenho Jenipapo, em Timbaúba, para a, então, jovem capital. Assim como ele, muitos outros não achavam válido lutar por melhorias e reformas políticas; alguns por medo do poder monárquico, outros pelo cansaço da vida. Mas a falta de uma devida instrução parecia ser a raiz daquela desesperança. Para quem assistiu à cruel punição dada aos revolucionários de sua época e nunca passou pela experiência de ensino-aprendizagem – além da doutrinação limitada das aulas de catequese na igreja – restava, então, agradecer por estar vivo e assumir sua devida posição social, sob os comandos e caprichos imperiais, como um cavalo de tração

rendido ao seu dominador. São as sequelas da escravidão, que ainda perduravam na mentalidade do povo.

A sua história parecia se repetir nos seus filhos, que sempre esperavam ansiosos o relógio apontar onze e meia – isso nas épocas frias do ano, às onze horas no verão – para verem passar pela calçada aqueles a quem chamavam de “meninos de mochila”, que largavam das escolas na Boa Vista e andavam em grupos pela cidade. Alguns a caminho de casa, outros fazendo hora na praça, esperando dar três da tarde, quando as aulas eram retomadas. José ficava com “água na boca” e cada vez mais sedento de ser como eles. Francisco sempre quis ser como o pai e não dava aos “meninos de mochila” a mesma atenção que o irmão, embora, observando-os, ele sempre sorria a um pensamento travesso que lhe sobrevinha. A verdade é que os dois dariam tudo para terem mais tempo de descontração com os amigos, coisa que eles quase não tinham, além de raros momentos com alguns vizinhos no bairro de São José, reduto da população empobrecida da cidade onde moravam. Mas, além disso, José tinha uma imensa curiosidade sobre o que acontecia dentro da escola e dentro dos livros.

Certa vez, ele acompanhou sua mãe e sua irmã a uma missa na Basílica Nossa Sra. do Carmo. No momento de leitura das escrituras sagradas, ficou imaginando se os professores eram como os padres, que ficam lendo e falando, enquanto as pessoas escutam sentadas em silêncio à sua frente. Ele perguntou a sua mãe se as aulas na escola eram como as missas, e ela respondeu:

– Ouvi dizê de aula que parece missa e de ôta que não parece. Já trabaiei de faxineira numa escola que a aula era uma agonia danada de gente e o pofessô mal dava as cara. Era um tal de “métode lascado”, alguma coisa assim.

– Método Lancaster – corrigiu Cibele, achando graça da mãe, e completou: No Colégio de São José, lá na Soledade, onde eu estudei, a aula parecia com a missa e tinha até castigo por mau comportamento. Eu me comportava bem e sempre ganhava um “B” no livro de matrícula. Lembro dos professores falando aos corredores sobre esse negócio de como se deve ensinar, de um tal de Castilho, que era melhor que João de Deus, que era melhor que o Lancaster. Nem sei o que é isso, ficava só de ouvido.

José adorava ouvir as experiências escolares da irmã, mas ela não tinha vontade de falar nesse assunto. Cibele era a única familiarizada com as letras, pois ainda frequentou a escola no ensino primário gratuito, com aulas básicas de ABC, números, bordado e costura. Isso foi antes das províncias assumirem os governos regionais e interditar a continuidade feminina até o ensino médio, pois não achavam necessário as mulheres aprenderem algo além da leitura e noção de trabalho doméstico, tornando o conteúdo intelectual e científico uma regalia masculina. Apenas as escolas particulares ofereciam ensino médio para as mulheres, o que estava bem longe do seu alcance.

Além do mais, Cibeles nunca encontrou uma razão fora da escola para se aprofundar nos estudos. Curiosamente, José andava com um recorte do Diário de Pernambuco no bolso, que achou no chão da rua e se atraiu pelas letras postas no papel, sem nem saber o que dizia. Perguntou à sua irmã o que estava escrito e ela soltou uma risada ao ler ali o nome “Gaudêncio”, precedido pelo título de professor, e apenas lhe disse que era coisa para filho de nobre.

– Pobre? – perguntou José.

– Não! No-nobre! – respondeu Cibeles.

Ele ainda confundia as palavras “nobre” e “pobre”, de tão parecidas. Mas, embora não soubesse o alfabeto, ele já sentia na pele que entre o “n” e o “p” havia um abismo dividindo as duas realidades.

Aquela tarde recifense foi longa e com mais protestos pelas ruas do centro da cidade. Além do Brasil, grupos de outros países também travavam lutas de causas semelhantes na mesma ocasião, como em Chicago, nos EUA e em Paris, que sediava a Segunda Internacional, uma organização partidária de operários, que nos meses seguintes estabeleceria aquele dia como o Dia Internacional dos Trabalhadores, pois foi a partir dali que eles alcançaram os direitos por justas condições e a diminuição da jornada de trabalho. Era mais um dia do mês de maio marcante na história mundial e também seria na história de José.

Ao final daquela tarde, um homem alvo, de aproximadamente cinquenta anos, vestido com trajes simples, aproximou-se da famosa barraca de Everaldo, carregando um par de botas de couro, para limpeza e reparo.

– Êita, que bota véa! – Disse José, espontaneamente.

– Qué isso minino, isso é jeito de falar! – O repreendeu Everaldo.

– Tudo bem, elas são muito velhas mesmo, eram do meu avô e meu pai me deu de lembrança, quando eu ainda era criança. – Falou o senhor sorridente.

– Seu avô era soldado? – Perguntou José.

– Isso mesmo, soldado do exército colonial. E qual o seu nome, meu jovem?

– José. E o do sinhô?

– Gaudêncio Dantas, muito prazer. Já foi para a escola hoje?

– Bem que eu queria muito, mas num posso, sô ajudante de meu pai.

Chateado com aquela conversa, Everaldo – que nunca foi de muito papo – interrompeu com uma frase que mexeu com Gaudêncio:

– Escola né pá todo mundo não, moço. A gente que é mulato já sabe onde é o nosso lugar. As bota fica pronto amanhã.

Gaudêncio saiu dali fisgado pela rara sede de conhecimento que o pequeno José exalava e que estava sendo frustrada pelas condições sociais de sua família. Ele já conhecia o

“final daquele filme” e foi um dos motivos que o levaram a abandonar as salas de aula, desistindo depois de tanto lutar.

Desde muito jovem, Gaudêncio queria ser professor e se recusava a seguir o caminho do pai, o governante e ministro do Império, Manuel de Souza Dantas, que não aceitava o seu desejo. Certa vez, ainda bem jovem, ele discutiu com o seu irmão Rodolfo Dantas, preferido do pai, ao ponto dos dois levarem a mão à cintura e puxarem as adagas, até serem interrompidos pelo grito da mãe: “Já chega!”.

Nesse dia, Gaudêncio se despojou das vestes monárquicas, pegou uma parte da herança que lhe cabia e saiu da casa dos pais, em Salvador, para seguir seus próprios planos em Recife, onde se tornou um grande professor, como sonhava. Porém, depois de anos lutando contra os interesses imperiais, tentando oferecer mais qualidade à sua profissão e aos seus alunos, caiu em um profundo desânimo ao se ver na mesma situação sem progresso e deixou de lecionar há dez anos para ser bibliotecário. Para ele, o discurso sobre revolução e essa história de educação de qualidade para todos havia se transformado em uma “história da carochinha”.

Há poucos dias dali, Gaudêncio havia reencontrado seu Irmão Rodolfo pela segunda vez depois que saiu de casa, o qual veio da Europa para visitar o pai deles enfermo de uma doença ainda desconhecida e que estava em tratamento no Rio de Janeiro. Rodolfo veio ao Recife organizar algumas pendências do pai e aproveitou para noticiar ao irmão. Gaudêncio entregou-lhe uma carta desejando boa sorte ao pai, que nunca mais havia lhe procurado, e ficou muito pensativo por causa daquela situação. No entanto, José lhe provocou uma forte inquietação, que até então estava adormecida. E, como professor vocacionado que era, ele não sossegaria até que contribuísse de alguma forma com o garoto. No dia seguinte, chegou logo cedo na barraca:

– Bom dia, seu Everaldo!

– Êita, mai ainda num tá pronto não, moço! O sinhô chegou muito cedo. – Disse Everaldo, que tinha acabado de montar a banca e armar a tenda. Gaudêncio já imaginava que as botas não estariam prontas e carregava outras intenções.

– Não tem problema, eu espero no banco da praça. Mas gostaria de lhe pedir um grande favor: ao menos hoje, deixe José esperar junto comigo.

– Oxente, pá que? Tem muito serviço aqui. (Everaldo ficou surpreso e desconfiado com aquele pedido).

– Eu dô conta da parte dele, pai. Disse Francisco, que gostava muito de trabalhar.

Ainda estranhando, Everaldo insistiu em saber a razão daquele pedido:

– Se fô na minha vista pode té ser, mai causa de quê o sinhô qué a companhia de José?

– Eu já fui professor e ontem quando seu filho falou da escola eu vi um brilho nos seus

olhos que há muito tempo eu não via. Gostaria de conversar com ele sobre as minhas experiências.

– Rapai, acho que num vai servi de nada não, mai num vejo mal. Tu qué ir, José? – Perguntou seu pai, já dando a permissão.

– Mai é claro! – Respondeu o menino sem hesitar.

Os dois caminharam até o banco próximo do chafariz, no centro da praça, e José puxou do bolso aquele recorte de jornal, perguntando ao professor do que se tratava. – Nossa! – exclamou Gaudêncio, impressionado com a coincidência, e explicou:

– É o meu anúncio no Diário de Pernambuco de dez anos atrás, com o nome das escolas onde eu ensinava e minha oferta de aulas particulares. Eu e outros professores, como o meu amigo Joaquim Nabuco, paramos de fazer esse tipo de anúncio, para fugir do controle do governo. Mas como isso foi parar na sua mão?

– Achei na rua um dia desse. Eu gosto do papel de jornal e dessa coisa miúda que tem nele, que minha irmã disse que é as letra. O sinhô vai me ensinar a lê? Como o sinhô virô pofessô? Como é na escola?

– Calma, meu nobre, vou te contar por onde andei.

– Nobre?! Acho que o sinhô quis dizê pobre. – Interrompeu José com seu dilema sobre as duas palavras.

– Não, não, eu quis dizer nobre mesmo. Essa também é a qualidade de uma pessoa, não apenas do bolso. Era assim que minha mãe me chamava quando eu tinha mais ou menos a sua idade. Inclusive, você me faz lembrar de mim quando era pequeno.

– O sinhô foi ajudante de sapateiro?

– Não – sorriu Gaudêncio – Eu era curioso e interessado como você. E hoje eu percebo que a vida é uma viagem de volta ao que nós fomos no início.

– E dá pá aprender alguma coisa aqui agora, em pouco tempo, pofessô?!

– Quem sabe Everaldo se convence e deixa você ir para a escola. De qualquer forma, é como diria o jornalista Machado de Assis, que eu conheci no Rio de Janeiro: “Muitas vezes, uma só hora é a representação de uma vida inteira”.

Gaudêncio fitou o chão por um momento, com o olhar distante, voltado para dentro de si. Ele estava incomodado e desiludido com a situação do Brasil, mas a figura do pequeno José representava uma chance de ter outro olhar, de enfraquecer suas razões feridas, de voltar a se reconhecer cidadão, de compreender os novos tempos e os processos de rompimento com uma tradição. Era o poder da educação lhe devolvendo a esperança perdida.

Naquele instante, Gaudêncio lembrou que o Brasil se recompunha lentamente da Guerra do Paraguai e que, há menos de dez anos era o único país ocidental que admitia o trabalho escravo, e, só agora, depois de um longo processo, aboliu a ordem

escravista, o que enfraqueceu as pernas do Império. Ele presenciou as manifestações do dia anterior, das quais ele não participava mais como antes e sentiu o clamor do povo alcançando resultados.

Percebeu que a elite não estava mais enviando seus filhos para estudarem na Europa, como fazia depois das reformas Pombalinas, já que nenhuma atração era oferecida pelas profissões que exigiam escolarização em um país agroexportador. Lembrou-se de quando o ensino elementar não era oferecido gratuitamente, até D. Pedro I assim instituir, influenciado pelos ideais da revolução francesa, depois de anos de descaso com a educação popular. Posteriormente, D. Pedro II outorgou mudanças significativas nas leis educacionais e deu ampla permissão para o estabelecimento de novas instituições de ensino, apesar do maior aproveitamento ter sido da iniciativa privada. Lembrou dos métodos de ensino ineficazes da sua juventude e do revolucionário e método intuitivo sobre o qual havia lido recentemente na biblioteca. E viu o quanto já se havia avançado até esse segundo reinado em questões nunca imaginadas, apesar das motivações ambíguas dos monarcas. Aquele era um momento de epifania, um mergulho na memória da sua história com o país e com a sua terra. Ele pensou no que seria daqueles que ainda nascerão e das crianças que estavam trabalhando, em vez de estarem na escola, apesar de todas as limitações. Era como se atrás dele estivesse uma eternidade e à sua frente novas possibilidades. Ele, que nunca aceitou o imperialismo e a escravidão, sentia no ar o cheiro de mudança e os sinais políticos confirmavam isso. Gaudêncio percebeu que, pra quem sabe olhar para trás, nenhuma rua é sem saída e a semente de uma nova sociedade estava diante dele, representada por José. E eram muitos “Josés” que existiam ali para serem regados e cultivados.

– O sinhô tá bem, seu Gaudêncio?

– Estou, José. Mas antes de qualquer coisa, vou comprar caldo de cana e tapioca para nós dois, porque saber e sabor precisam andar juntos.

– Boa ideia, pofessô. Meu pai di que se num comê, o estôngo cola. (Caíram na gargalhada).

Enquanto lanchavam, Gaudêncio começou a falar da sua história.

– Quando eu era criança queria muito ir para a escola, fazer amigos e brincar com as mesmas brincadeiras dos meninos da rua. Mas, tive aulas em casa com o professor Tibério, que só ensinava o que meu pai queria. Assim, aprendi a ler, escrever, contar e ser um filho de monarca, coisa que nunca me alegrou. Meu pai queria que eu fosse estudar na Europa, mas com muita briga e ajuda da minha mãe, recusei. Nunca quis sair da minha terra e continuo acreditando no poder local, sempre que penso na Revolução de 1817, na Revolta dos Farrapos e no Ato Adicional.

Nesse clima de intriga, sai de casa, pois se ficasse eu teria que ser tudo o que

meu pai queria, menos professor. Fui para o Colégio Pedro II no Rio de Janeiro, onde me especializei por sete anos e saí como bacharel em letras, depois de prestar um juramento diante do meu pai, o então Ministro do Império, que não conseguiu olhar nos meus olhos. O Pedro II era bem diferente dos demais colégios das outras províncias e se tornou referência nacional para a criação dos estabelecimentos de nível médio, já que os cursos de nível superior eram prerrogativa exclusiva do governo nacional. Mas lá não tinha muitos alunos, pois, apesar de o ensino ser gratuito, o material didático não era. Tinha uma boa estrutura e além das disciplinas específicas, tínhamos aulas de história sagrada, geografia, francês e latim.

– Latim? Cachorro também tem aula? – Perguntou José soltando uma risada.

Gaudêncio achou graça e explicou que era o nome de uma língua complicada dos antigos Romanos, que deu origem ao nosso Português e a tantas outras línguas. E prosseguiu.

– Apesar da formação no Pedro II ser boa, não era legítima para a iniciativa privada. Serviu-me para dar aulas particulares e em algumas escolas públicas. Passei por uma instituição de ensino mútua, fundada por D. João VI, e também pela Escola Normal Brasileira, aqui na capital. Aos trinta anos, dei aulas em escolas privadas, mas o meu objetivo era o público menos favorecido. E, mesmo com um baixo salário, ensinei nas escolas públicas, onde encontrei professores que eram leigos e não licenciados, pois os que tinham formação não aceitavam receber tão pouco. E realmente era um absurdo! Além disso, muitos alunos não permaneciam nas escolas, pois faltavam recursos, melhores métodos de ensino e uma administração de qualidade. Fizemos das escolas elementares – onde o ensino passou a se chamar de primário – lugares apenas de alfabetização, já que as práticas pedagógicas alternativas foram proibidas por Pombal. Tivemos que ensinar sobre moral, religião e aprofundar mais na matemática.

– O que é moral, professor?

– É um outro nome dado para a domesticação, para as pessoas terem um comportamento que agrade ao padre e ao imperador. Por falar em moral, conheci um professor jesuíta que me falou de uma aldeia indígena em Escada, a qual visitei e encontrei os índios vivendo como indigentes e nada pude fazer. Esse mesmo professor me convidou para dar aulas na rede de escolas particulares que os jesuítas haviam fundado, depois que voltaram ao Brasil com sua ordem restabelecida. Era uma rede de escolas muito querida pela nobreza, o que não era o meu propósito.

Preferi aceitar o convite do meu amigo Tobias Barreto, para participar das aulas na Escola do Recife, que aconteciam nas dependências da Faculdade de Direito, onde amadureci bastante minha visão sobre educação, aperfeiçoei minha reflexão e ampliei meu conhecimento sobre diferentes linguagens. Foi um período muito en-

riquecedor. Ainda lecionei nos cursos sociais do Mosteiro de São Bento em Olinda, muito mais por causa do meu sobrenome do que pelo meu perfil profissional.

Depois de muito me esforçar e tentar fazer a minha parte como professor e como cidadão, eu fui cansando, desanimando e me via várias vezes de licença médica, pedindo transferência, faltando às aulas, até que abandonei o magistério. Uns sete anos atrás, reencontrei meu irmão Rodolfo pela primeira vez depois que saí de casa. Ele era Conselheiro do Império e conversamos bastante sobre a educação no Nordeste.

Ele estava aberto às minhas ideias e conseguiu enxergar que a organização educacional ainda tem relação estreita com o desenvolvimento da sociedade e com os seus recursos financeiros. Rodolfo chegou a elaborar um projeto que recebeu o seu nome, cujo objetivo era a cooperação dos poderes gerais na obra do ensino e a criação de novas universidades e cursos para que pudessem formar profissionais que atendessem a demanda por professores nas escolas primárias e secundárias. Mas até agora esse projeto não foi colocado em prática. Eu reencontrei Rodolfo alguns dias atrás e ele me convidou para escrever no jornal que ele pretende fundar, chamado Jornal do Brasil. Mas será de cunho monárquico, e eu já estou saturado de imperialismo.

Percebendo que José se distraía bastante e sempre franzia a testa em meio aquele eufórico monólogo, Gaudêncio atraiu de volta a sua atenção:

- Sei que muitas coisas que estou falando são estranhas para você, José, mas fazia tempo que eu não falava sobre educação e você me fez repensar muitas coisas.

- É, pofessô, muita coisa aí que o sinhô falô eu nem sabia que existia. Mai deu mai vontade de ir pá escola. O sinhô fala bonito.

Naquele momento os “meninos de mochila” começaram a passar pela praça.

- Êita que o tempo passô rápido demais! – disse José ao ver que os alunos estavam largando. Pediu licença a Gaudêncio e foi pegar sua marmita de ferro para almoçar pedaços de carne seca com farinha de mandioca e gordura animal. Everaldo mandou avisar a Gaudêncio que as botas estavam prontas.

Quando o professor foi fazer o pagamento, Everaldo disse que não precisava por causa da atenção que ele deu a José, mesmo assim ele pagou. Mas aproveitando a boa vontade do sapateiro, Gaudêncio pediu permissão para levar o menino a uma visita nas aulas da tarde de uma escola.

- É como eu já disse, moço, gente como a gente num tem muito futuro não. Mai se o menino quisé, não vejo mal nem bem. Amanhã ele vorta a me ajudar aqui na barra-ca.

José vibrou de alegria e perto das três horas foram caminhando em direção à escola.

- Onde fica essa escola, pofessô?

– Perto da Biblioteca Imperial, onde eu trabalho. É a Escola Sylvio Rabello, que usa o método de ensino simultâneo e é possível montar uma classe de alunos que estão atrasados.

Quando entraram na escola, parecia que José estava vendo uma poça d'água, tamanha era a sua alegria. Ele sempre se imaginava indo para escola e agora se via ali. Jamais esqueceria aquele cheiro e aquela primeira impressão. Gaudêncio era conhecido pelo diretor, que permitiu a visita. Foram horas inesquecíveis para os dois. José demonstrou esperteza e muita vontade de aprender. Estava muito concentrado e participou efetivamente das aulas de escrita. Às cinco da tarde, os “meninos de mochila” largaram, e eles foram embora.

Ao chegar em casa, ele correu e contou tudo para Cibele, que não conseguia acreditar. E ficou mais espantada ainda quando José escreveu seu próprio nome. Everaldo viu aquilo e, emocionado, abraçou o filho. A fagulha de esperança reacendida em Gaudêncio foi suficiente para incendiar aquela família. José ganhou uma mochila costurada pela mãe e passou a frequentar a escola, onde logo se juntaria aos alunos adiantados.

Aos poucos, quando Everaldo encontrou outros ajudantes adultos, Francisco também foi para a escola e Cibele retomou os estudos, pois o acesso feminino foi ampliado. Gaudêncio foi morar no Rio de Janeiro com a mãe, agora viúva, e voltou a dar aulas. A semente que ele plantou em José criou um outro roteiro social bem diferente do que era previsto para o menino. Gaudêncio não ficou vivo para ver o Engenheiro Civil Urbanista e o homem de luta local que José se tornaria, mas a consciência que ele havia deixado jamais morrerá, porque, além do alfabeto, um bom professor ensina o sonho e a luta.

Essa é a história de como José Estelita começou a estudar. Ou melhor, essa é a história de como o professor Gaudêncio voltou a lecionar. Ou, convenhamos, essa é a história da educação.

REPÚBLICA

Os primeiros anos da República brasileira são marcados pela tensão entre os anseios de modernidade em embate com as forças conservadoras da sociedade. No plano da educação, esta tensão se dá em meio às disputas de modelos e práticas educativas.

MEMÓRIAS DE JORGE ALMEIDA E FRANCISCO SILVA

Priscilla Nascimento Silva¹

Rafaela Albuquerque Monteiro²

O sol jogava pelas ruas seus últimos raios, encerrando à tarde de mais um dia quente daquele fevereiro de verão de 1895 em Recife. Jorge gostava de observar pela janela o movimento da cidade que se acalmava à medida que os trabalhadores do centro largavam. Os tons altos das vozes dos vendedores já tinham sido utilizados na tentativa de alcançar um maior número de clientes e, aproximando-se das seis horas, não mais valeriam tantos esforços. Os jogadores da calçada da frente já tinham arrancado granas altas dos viciados que em meio a cartas de baralho mais perdiam do que investiam. O vaivém dos fregueses e frequentadores daquela antiga área comercial recifense diminuía no compasso do relógio trazendo para Jorge Almeida, escritor crítico e colunista do Diário de Pernambuco na Rua Direita, um silêncio favorável para a transferência das suas reflexões da mente para o papel. Francisco Silva, jovem aprendiz e mais novo ingressante no Diário de Pernambuco, muito tinha ralado para conseguir chegar até ali e via em Jorge a oportunidade de um dia se tornar um escritor tal como seu mestre. Jorge gostava da presença do jovem que já havia se acostumado em oferecer na hora certa o fumo acompanhado de um café forte, para melhores reflexões. Jorge tinha o hábito de bater fortemente na mesa quando lia em outros jornais cópias fiéis da sua estrutura de texto quando não de críticas. Era naquela raiva toda que Francisco percebia em seu mestre de ofício como encarar os concorrentes e tirar daquela situação o orgulhoso prazer de, no decorrer da noite, escrever furiosamente, mas com qualidade incomparável, uma das colunas no Diário a circular no dia seguinte pela cidade.

1 Graduada em História pela Universidade de Pernambuco e Pedagoga pela Universidade Federal de Pernambuco.

2 Graduada em Administração e MBE em Gestão com Pessoas pela Universidade de Pernambuco e Pedagoga pela Universidade Federal de Pernambuco.

Ora, acalme-se, senhor! Não será a última vez, a reparar nos outros, traços da sua escrita – Disse Francisco. Retirando os óculos da face, Jorge passa a mão severamente nos olhos, batendo mais uma vez na mesa, atira o jornal concorrente no chão e afirma: Não são meros traços, Francisco! É uma cópia idêntica! Esse tal de Humberto sei lá das quantas está passando de todos os limites! Só se deu ao trabalho de empregar palavras sinônimas e de estampar a crítica na primeira coluna. Falta de autenticidade! Bando de copistas, bando de ignorantes, ladrões de críticas alheias. Veja só o que anunciam: “A sociedade recifense abençoada pelas obras salesianas: educação, trabalho e caridade”. Como podem! Oras! – Continuava o crítico colunista a reclamar. Francisco lia e relia o título da coluna principal do jornal do Recife, relembando que há dois dias Jorge também tivera escrito sobre o mesmo assunto, mas com outras palavras. As diferenças entre a coluna de Jorge no Diário de Pernambuco com relação a do seu Humberto sabem lá das quantas no jornal concorrente é que a dele só podia ser exposta no final do jornal, em que poucos se dão o trabalho de ler, e o do concorrente vinha logo no início chamando maior atenção.

Jorge havia recebido ordens da diretoria geral do Diário de ser o encarregado a escrever sobre assuntos ligados à religião e à educação no Recife. De algum modo, sabiam que aquele crítico era um bom conhecedor de limites, utilizando as palavras cabíveis ainda que com um toque de audácia. Não obstante, precisava crescer mais naquele espaço, uma vez que perdeu o prestígio com a contratação de outros cronistas e críticos escancaradamente ligados aos chefes daquele jornal. “Bajuladores”, adjetivava-os mentalmente.

Cinco anos antes, em 1890, um inspetor da ordem Salesiana Pe. Lasagna esteve em Pernambuco na tentativa de instalar a obra que seguia religiosamente. Desde 1876, os salesianos têm tentado contato para a instalação das suas atividades no Brasil por intermédio do Bispo do Rio de Janeiro, D. Pedro de Lacerda. Fracassando nessa primeira tentativa, a efetivação de fato só ocorreu oito anos depois com o início da formação do colégio Santa Rosa, em Niterói. Já em Recife, os filhos de Dom Bosco, como eram chamados os salesianos, começaram atividades práticas somente em 1894. Um ano se passou e o colunista Jorge Almeida seguia fielmente as informações acerca dos salesianos. Visitou igrejas e esteve em reuniões informais com padres já por ele conhecidos, prestava-lhes dízzimos e dava um jeito de anunciar os festejos religiosos do Recife no jornal. Era pouco religioso, mas tinha fé nas palavras que escrevia. Não negava a Deus e gostava de perceber criticamente as ambições humanas. Aprendeu com um velho padre que a Pia sociedade Salesiana teve início em Turin, em 1859. Lia sobre aquela sociedade eclesiástica que prestava assistência aos pobres e desvalidos, prometendo, por intermédio da educação religiosa e dos ensinamentos de ofícios profissio-

nais, promover o bem para os desamparados filhos de Deus. Refletia se um dia, caso se efetivasse no Recife, uma obra como aquela daria certo. – São tantos desvalidos... há mais desvalidos na verdade, do que ocupados e trabalhadores em Recife... Como comparar esse lugar com Turin? – Pensava Jorge.

Certo dia, sentado em sua sala durante uma madrugada em meio a fumaças e ar de café forte, como de costume, Jorge mostrava para Francisco, seu aprendiz, as palavras divulgadas em um Apello divulgado em 12 de março de 1892 pelo, então, bispo de Olinda, Pe. João Esberard. Não tinha o documento todo em mãos, conseguia anotar alguns trechos com a permissão e supervisão de um velho padre amigo em um dos mosteiros na cidade vizinha à Recife. Afirmava Jorge tragando um fumo: - Perceba Francisco, essa parte sai comparando os benefícios dos colégios salesianos já instalados no Brasil desde a chegada à permanência fixa dos ditos filhos de Dom Bosco. Eles enaltecem a caridade e a fé, dizendo que o próprio Dom Bosco já afirmava que não há serviço maior a ser prestado do que empenhar esforços por organizar cristãmente a educação e instrução do filho do povo.

Continuava Jorge: - Por mais que Dom Bosco afirmasse tais palavras, não estamos em Turin, meu caro amigo. Tenho certeza de que isso aqui em Recife estará ligado a um vasto valor financeiro, e escreva o que eu digo: poucos serão os beneficiados com tais promoções de ofícios prometidas. Jorge e Francisco conversaram sobre a impossibilidade de divulgar sobre tudo o que pensavam no jornal, era necessário ter cautela, pois as previsões podiam ser falhas e comprometer suas permanências naquele espaço de notícias. Eles grifavam os que lhes chamavam atenção, Francisco tomava nota das ideias trocadas guardando em um caderno de capa de couro as anotações feitas, na tentativa de um dia resgatá-las.

Em 08 de Fevereiro de 1895, um jornal concorrente ao Diário anunciava a inauguração do colégio Salesiano, convidando toda a população para a solenidade a se realizar no dia 10. No dia 09, mais uma vez, o convite é exposto no mesmo jornal, ressaltando: “é amanhã que se realiza a instalação deste utilíssimo colégio dirigido pelos ilustres e virtuosos padres Salesianos”. A contragosto, Jorge Almeida lia tudo aquilo, já havia separado seu melhor terno e, na companhia de Francisco, o jovem aprendiz iria para a inauguração. O espaço destinado ao Colégio Salesiano de Artes e Ofícios do Sagrado Coração de Jesus ocupava um casarão, rodeado por mata fechada e próximo ao mangue. Para chegar ao local próximo do Hospital Pedro II e, entre eles, o espaço de terra a ser chamado no Recife de Ilha do Leite, era necessário passar pelo Rio Beberibe quando os barcos aproveitavam a maré cheia para atravessar. Na ocasião estavam presentes conhecidos de Jorge de outros jornais, padres e clérigos de diferentes ordens católicas, pais de jovens já matriculados, curiosos, pessoas da alta sociedade

e, entre outros, o governador Alexandre José Barbosa Lima. Ele tinha prometido um valor considerável anualmente para os serviços do colégio, assegurando presença na inauguração das partes dedicadas aos ensinamentos dos ofícios a serem construídos. Jorge e Francisco perceberam naquele dia a realidade concreta entre negócios políticos e interesses religiosos, para eles pouco daquilo era tão caridoso e destinado aos órfãos de pai e mãe como prometia.

Enquanto outras colunas de jornais teciam comentários valorativos das ações do Colégio Salesiano no Recife, Jorge e Francisco estavam atentos à movimentação de verbas destinadas à tal “caridade”. Na coluna assinada por Jorge Almeida, cada vez mais auxiliada pelo jovem Francisco, lia-se acerca da associação entre o recebimento das verbas liberadas pelo Tesouro Estadual aos salesianos. Diziam: “Eis que vigora a República, mas os hábitos entre moedas e hóstias ainda são frequentes na sociedade Recifense.” O conteúdo daquela coluna rendeu tantos comentários que, em pouco tempo, aquela ganharia melhor campo de visão. Quando do Colégio foram exigidas a retirada de palavras como “religioso”, “religião” e a alteração das imposições de assistir às missas e frequentar catecismos, Jorge também escreveu sobre. Arriscando-se a tratar das insistências religiosas nos espaços educativos em comparação com a educação profissional praticada no Recife.

Passados onze anos, o Colégio Salesiano continuava com as suas atividades. Jorge tinha ganhado um novo espaço no Diário de Pernambuco, o jornal saiu da Rua Direita e ocupava naquele momento um prédio mais espaçoso de frente à Praça da Independência, logo chamada pelos moradores e comerciantes de pracinha do Diário. Ele iria tratar, então, de assuntos políticos, repassando para o antigo aprendiz, agora colunista, o dever de dar continuidade à coluna Educação e Religião. Francisco Silva tinha abordado nesse tempo sobre diferentes escolas, práticas e áreas próximas do Recife, mas sempre voltando a pesquisar sobre as ações dos salesianos.

Em 1906, quarenta artigos do estatuto do Colégio Salesiano abordavam sobre o que ensinar, justificando cada divisão pelos desejos da sociedade em formar cidadãos. O colégio funcionava em quatro modalidades: internato, semi-internato, externato e aprendizes. No caso, esses tidos como alunos das escolas profissionais. O ginásio durava seis anos, com aulas diferenciadas que atendessem a cada ano de ensino. Aos alunos que cursavam todas as disciplinas lhes seria conferido o diploma de Bacharel em ciências e letras.

Francisco ficava espantado ao perceber o alto quantitativo para a permanência no Colégio Salesiano. Para aqueles dispostos a pagar anualmente se gastaria cerca de 720\$000. Em prática material, um ano de internato no Colégio Salesiano equivalia a aproximadamente cinco toneladas de açúcar. É claro que diante dos mais humildes a

situação curricular era bem diferente. Tipografia, encadernação, alfaiataria e sapataria eram os poucos conhecimentos profissionais destinados aos aprendizes, com o curso primário estimando a duração de três anos.

Quanto mais analisava as ações dos salesianos no Recife, mais Francisco confirmava o que anos antes seu antigo mestre previa: a não suficiência daquela obra eclesíastica diante da dura e desigual realidade das camadas sociais mais pobres recifenses. Percebia o então colunista, em meio às últimas pesquisas de campo por ele mesmo realizadas, como o número de alunos reduzia ao longo de cada etapa da educação salesiana. Alunos ingressantes não faltavam, no entanto ele percebia que nem todos chegavam a optar pela formação completa. No caso da educação profissionalizante voltada para os órfãos de pai e mãe, que não tinham parentes, indigentes, abandonados etc a educação era prometida, porém de modo ainda precário, reduzido e ameaçado pela falta de profissionais que estivessem a par da completude daquele tipo de educação. As classes operárias, ainda que não tão privilegiadas, deveriam arcar com os custos para as suas formações.

Reunindo todas aquelas informações em seus escritos pessoais, no antigo caderno de capa de couro envelhecido, Francisco rabiscava a sua insatisfação com as tantas promessas feitas pelas tantas ordens religiosas para o novo século da recente república. Ideias martelavam em sua mente, pensando no governo pernambucano de bandeiras progressistas, mas incapaz de se desprender das influentes amarras religiosas sobre o âmbito da educação. Subindo as escadas foi até a sala do amigo Jorge Almeida, na tentativa de lhe pedir sugestões para a sua coluna no jornal. Foi em busca de um tom mais crítico e diferenciado, mas encontrou a sala vazia, sem o jornalista. Uma das secretárias que por ali passava avisou a Francisco que o colunista Jorge estava afastado, pois a Tuberculose tinha sido confirmada e aquele homem já não tinha condições de trabalhar. – Malditos fumos e madrugadas frias – Exclamou Francisco, em tom entristecido.

Alguns meses se passaram e o inverno trouxe para o Recife chuvas intensas, deixando grande parte dos bairros comerciais alagados. Francisco passava horas em sua sala no Diário de Pernambuco dedicando-se a sua coluna e repassando para um jovem aprendiz, o franzino Antônio Lima, o que um dia aprendera com seu mestre Jorge Almeida. Tentou visitar o amigo diversas vezes, mas aquele se tornou orgulhoso e depressivo demais para aceitar conversar com qualquer pessoa. Percebendo Francisco em suas análises sobre o Colégio Salesiano um grande número de informações, pensava em convidar Jorge Almeida para juntos escreverem um livro sobre o assunto. Afinal, foram tantos anos acompanhando as ações dos eclesiásticos no Recife, por que não utilizar aqueles escritos para uma finalidade maior? Ele refletia. Só era o tempo de

Jorge melhorar e juntos promoveriam a formação da obra.

Dias passaram e, chegando 08 de agosto de 1906, Francisco Silva recebeu a triste notícia da partida de Jorge Almeida. O Diário de Pernambuco fez circular, no dia seguinte, uma página inteira rendendo homenagens ao colunista já bastante conhecido no Recife, que teria dedicado grande parte da sua vida à prestação de informações. Algumas semanas após a morte do amigo, Francisco recebe em sua sala uma caixa com pertences que restaram de Jorge no trabalho. Em meio aos poucos objetos, o colunista encontra um caderno semelhante ao seu de capa de couro, abrindo a janela aproveitando a brisa do final da tarde, dispensou o aprendiz Antônio e se pôs a ler as anotações. Passando cada página, era possível sentir ainda o cheiro forte do fumo e uma página manchada do derramar de café. Entre as linhas, havia rabiscos de ideias acerca de fatos políticos, críticas sobre a vida luxuosa das altas camadas sociais recifenses e, já nas últimas páginas escritas, um assunto a lhe chamar atenção, que, antecedida por um título, notou como este tinha sido circulado e com uma seta que apontava para a frase: “Ver com Francisco Silva”. Naquele momento, Francisco parou a leitura e se pegou por um instante pensando sobre o amigo falecido e nos momentos junto a ele como um simples aprendiz. Gostaria de tê-lo ali em sua companhia para discutirem sobre aquilo a ser lido, mas era tarde. Restava-lhe apenas as letras do amigo e os construtivos aprendizados partilhados, então finalmente leu:

Recife da moderna caridade: educação religiosa para-
lela ao avanço de interesses conservadores.
Por Jorge Almeida.

Aos pobres desvalidos e operários, oportunidades de profissionalização; aos bem nascidos, contínuos avanços. Passados anos desde a chegada dos filhos de Dom Bosco à nossa cidade, permanentes são as dúvidas em relação à capacidade e ao empenhos dos eclesiásticos na capital pernambucana. Por toneladas de açúcar, é possível oportunizar o acesso às letras e à ciência para nossos filhos. Há de ser bom dar oportunidade aos que necessitam, então por que não ser caridoso e ofertar aos mais necessitados órfãos a tomada de gosto pelo trabalho. Eis aí a válvula do motor, para ampliar no Recife o progresso dos seus cidadãos e até mesmo desvalidos. Se faltam professores capacitados, esses estão pela própria cidade a ganhar cotas de dinheiro com outros empregos um tanto mais cómodos para eles. Mas, é repassado um ar de avanço e nada atrapalha os ares da capital. Não sejamos pecadores e deixemos a religião trabalhar caridosamente, tão pouco recebem ora por suas obras, ora por seus tão grandes feitos. A República veio e os valores dos bons fiéis são mantidos. Onde há política, há tam-

bém uma mesa partilhada por um padre, um governante e um coletor de informações baratas, mas altamente influenciadoras quando divulgadas em periódicos.

Ao finalizar a leitura, ouviu na sala superior uma forte batida, lembrou-se de Jorge e de seu hábito de descontar na mobília a raiva por cópias de seus escritos por concorrentes. Acho que estou cansado demais – Afirmou, espantosamente, Francisco.

Nos meses seguintes Francisco, Silva empenhou-se a reunir as informações escritas por ele e por Jorge ao longo de tantos anos de trabalho. Ainda que aquela atitude compromettesse o seu emprego e, mesmo que não vendesse nenhuma cópia do seu livro, tinha uma alma crítica e estava empenhada na ação. Chegaria o dia em que assíduos estudantes, curiosos e até mesmo jornalistas procurariam compreender como foi o início e os primeiros anos das ações educacionais salesianas em Recife. Tinha a certeza que não viveria o bastante para ver a continuidade da influência religiosa não só por parte dos filhos de Dom Bosco, mas por outros eclesiásticos pelas cidades e estados do Brasil. Lamentava como ainda nos anos iniciais da República tão esperada houvesse a permanência de hábitos imperiais já ultrapassados.

A constituição social era mantida no Recife, o forte conservadorismo arrancava das áreas da política, da educação e da religião as manutenções para os seus privilégios. O número de indústrias ainda era pequeno em comparação com outras cidades do país, mas o desejo e a promessa do crescimento dessas com os ventos da modernidade iriam necessitar de um número maior de trabalhadores profissionais. Então, nada mais proveitoso do que unir as justificativas dos serviços sociais prometidos pelo Colégio Salesiano com a demanda dos setores da classe média e interesses elites conservadoras. Sobre tudo isso refletia Francisco Silva, empenhado em sua função de colunista e autor do livro “Memórias de Jorge Almeida: educação e religião no Recife recém-republicano”.

UMA EMERGENTE E TRANSFORMADORA ESCOLA

Andréa Maria da Silva³

George Luna de Araújo⁴

Patrícia Costa⁵

Era março de 1932, primeiras horas de um domingo ensolarado nas ruas da Capital Pernambucana. Percebe-se um grande alvoroço diante do periódico matutino “Diário Semanal”, trazendo notícias alvissareiras. Convoca-se a população recifense a ir às ruas em protesto ao novo modelo educacional em vigor:

– Extra! Extra! – dizia o jornaleiro. “O Bispo da capital convoca os irmãos católicos para uma missa audiência na Igreja Matriz da Boa Vista”.

As motivações se seguem descritas no periódico, trazendo um breve histórico do que ocorreu na Educação Recifense na última década, citando as Reformas de Ulisses Pernambucano (1923) e de Carneiro Leão (1928). Traz ainda o relato das primeiras reformas ocorridas na primeira República, passando pela criação da ABE (Associação Brasileira de Educação) em 1924, que referenda a modernização da sociedade brasileira; porém, sem admitir o laicismo republicano. Ainda porque, neste momento, eis que uma nova escola surge para quebrar a hegemonia do ensino tradicional e a ampla abertura para o ensino religioso confessional, conforme a crença de cada escola e sob a orientação dos pais. O caráter elitista na educação auferia grandes transferências de recursos para escolas católicas que, com a laicização da escola brasileira, perderia tais recursos, buscando-se, então, a manutenção dos ideais religiosos.

Famílias reunidas seguem em direção a Matriz! Sr. Silvério Cavalcanti, um

3 Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco.

4 Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco.

5 Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco

respeitado farmacêutico, casado e pai de oito filhos, desce a escadaria do sobrado em que mora com sua família e segue em direção àquela missa especial. Igreja lotada, um silêncio se faz presente, a curiosidade se instalou e todos querem conhecer qual o conteúdo daquela homilia.

Pontualmente às seis horas da manhã, assume o púlpito o Bispo D. Atanásio Joaquim! Alto, e bastante robusto, apresenta-se com vestes longas pretas, abotoadas de alto a baixo em 33 botões, 5 botões em cada punho, uma faixa violácea sob a cintura, uma pequena mitra traz em seu semblante ares de preocupação. Sisudo de expressão e de ríspidas palavras, inicia a homilia.

– Nossa liberdade religiosa está em perigo, diz D. Atanásio Joaquim! Sob permissiva orientação federalista, os ideais da nossa fé estão sendo fortemente atacados; precisamos lutar para que a imoralidade desses novos programas educacionais, destas escolas sem Deus, para que não venham atingir nossos jovens que, hoje, já se unem em salas mistas e em trabalhos de grupo. É Hora de assumirmos uma verdadeira confissão católica! Assim, vamos às ruas! Lutemos em defesa da fé cristã. – Diz D. Atanásio Joaquim. Não permitamos que esses comunistas desvirtuem nossos jovens!

Reintroduzir o ensino religioso na educação era a palavra de ordem, concorrendo para a reintegração do modelo tradicional de ensino e consequente recatolização. O público presente, contagiado pela prédica do bispo D. Atanásio, sai daquela solene convocação convencidos da necessidade de mobilização. Surge, assim, movimentos católicos que lutariam em prol de seus ideais. A exemplo, a União de Moços Católicos e a União Católica por Deus e pela Pátria. Esses movimentos realizavam a cada domingo passeatas pelas ruas recifenses mobilizando a população para que clamassem pela manutenção da escola tradicional, cujos princípios moralizadores impediriam as influências americanas e europeias em nossa sociedade. Já em casa, Silvério Cavalcanti com sua esposa, ao ser ladeado por seus filhos, vê-se rodeado de perguntas sobre o que seria esta “nova escola” da qual o Bispo tanto falara. A curiosidade assalta a filha do meio, Eulália Cavalcanti. Aos 12 anos, Eulália é uma franzina adolescente, de cabelos longos e claros, olhos amendoados, ajudava sua mãe em casa e era admirada por sua simpatia. Muito estudiosa, não conhecia outro modelo escolar senão o do colégio Marista em que estudava. Porém, possuindo grandes percepções e ao ouvir acerca de uma nova escola, pergunta:

– Papai, seria possível o senhor me matricular nesta escola? Gostaria tanto de conhecê-la! O que o senhor conhece deste novo modelo?

– Filha, temos uma tradição; não podemos correr riscos com inovações comunistas! Respondeu o pai, todo contrariado.

Três dias depois, já ao anoitecer, Bartolomeu, filho mais velho da família Cavalcanti,

tem 14 anos e gosta de leitura. Sentado na sala com sua família, folheia o Diário Semanal e se percebe atraído pelo artigo: “O que é a Escola Nova?” Jovem intrépido, de olhar curioso, sempre falante e cheio de inquietações, logo se interessa pela leitura que cita os verdadeiros pressupostos da Escola Nova. Fascinado com o que lê, levanta-se da poltrona e brada:

– Papai! Papai! Veja o que encontrei sobre esta Escola Nova! Quantas diferenças quanto ao ensino de nossa escola. Lá as crianças têm maior autonomia e se apresentam como o centro das atenções pedagógicas, ao ter suas necessidades de infância atendidas como no aprendizado, brincando.

– Pare com isso, Bartolomeu. – Retrucou seu pai. Já conversamos sobre isto.

– Mas papai, estive pensando na pequena Aurora! Ela já tem 8 anos e é tão retraída, quase não fala. Quem sabe este novo ensino não a desperta para o mundo da infância.

Resmungando e insatisfeito com o que ouvira de seu filho e plenamente confiante no que D. Atanásio Joaquim falara acerca desta escola pagã, deita-se para descansar para um novo dia de trabalho que se aproximava. No entanto, falta-lhe o sono, e o Sr. Silvério começa a refletir sobre o que seu filho lera sobre essa Escola e, pensativo quanto a pequena Aurora, pensa em como essa escola poderia ampará-la no que diz respeito ao seu desenvolvimento educacional. Logo, ao amanhecer, vai procurar entre seus amigos alguém que possa lhe falar um pouco mais dessa Escola Nova. Alguns deles, que faziam parte de um Círculo de pais e mestres (que visava propagar os métodos desta escola moderna), orientavam-lhe a procurar uma escola que atendesse aos seus anseios. Esta visita o ajudará a tomar uma decisão mais à frente. Irá ele permitir a continuidade da tradição familiar ou mudará radicalmente?

De ensino tradicional, o Colégio em que o Sr. Silvério estudara e que agora seus filhos estão matriculados, tem uma forma rígida de ensino, fundamentado no rigor de seus professores e de castigos físicos sobre os alunos impenitentes. Sua estrutura física não possuía áreas recreativas, suas salas eram separadas por sexo, meninos e meninas não ocupavam o mesmo recinto escolar, senão nos intervalos e sob forte vigilância.

Sempre brincalhão e bastante impulsivo, Bartolomeu lança uma bolinha de papel em sua professora. Logo, é repreendido e rapidamente disciplinado. Sobre suas mãos descem as palmatórias, indo em seguida à Secretaria para cumprir mais um castigo. Com anotações em sua caderneta, Bartolomeu chega insatisfeito com o que lhe acontecera e pede ao pai para que lhe transfira de escola. Seu pai, por ser um homem de princípios e preservador de muitas tradições, imprime em seu filho mais um castigo. No entanto, diz que na manhã seguinte visitará a escola.

Ao ter conhecimento do projeto da Escola Nova e, apesar de toda a tradição da Escola

com princípios tradicionais e o respeito que tem por sua tradição religiosa, o Sr. Silvério resolve ir à secretaria para resolver a questão de seu filho e aproveita para dialogar sobre os métodos ali aplicados, comparando-os aos da Nova Escola.

– Tendo visitado a Escola Pública Carneiro Leão, onde se aplica o modelo escolanovista – dizia o Sr. Silvério àquela coordenação: pude perceber ser ela uma escola aberta para todos, sem distinções ou separações entre meninos e meninas em sala de aula, e cujas crianças brincam, aprendem e compartilham coisas juntas. Ali ao aluno é ofertado o reconhecimento do ser autônomo, que é apto para apropriar-se do saber, e que o professor é o mediador deste processo de ensino, num contexto extremamente democrático, de forma crítica e dialogada, respeitando os interesses do aluno. O esforço do aluno e a vontade de aprender deste é que farão a grande diferença.

– Compreendo sua disposição em atender aos seus filhos da melhor forma – diz a coordenadora do Colégio. No entanto, perceba-se o mal que poderás lhes infringir doutrinas desconhecidas e manifestações antissociais que vão de encontro aos princípios da Igreja. Lembra do que disse D. Atanásio sobre a necessidade de aproximar a igreja dos leigos para livrá-los dos perigos do ateísmo, do liberalismo e do anarquismo? Que ambiente mais apropriado de que uma escola que mantenha os ensinamentos e doutrinas de nossa Igreja.

– Naquela escola, – dizia Sr. Silvério, o centro de interesse é a criança, e seus ensinamentos visam ao desenvolvimento da observação, da associação e da expressão.

– Sr. Silvério, não se deixe enganar! Nossos métodos são eficazes, já fornecemos instruções por anos e as mais tradicionais famílias confiam seus filhos à nossa instituição.

– Mas mãe Celestina, a proposta educacional é bem inovadora! – Alega o Sr. Silvério.

– Tire esse sentimento perverso de seu coração, Sr. Silvério! Os métodos utilizados distorcem os ensinamentos cristãos! – Reforça a Mãe Celestina.

Impactado com a forma dura com que fora tratado e não muito conformado com as justificativas ali proferidas, sr. Silvério resolve apoiar-se no que ouvira, e revisita o Círculo de pais e mestres para que este possa orientá-lo em que escola irá aproximar os seus filhos desses novos métodos.

Chegando no referido Círculo, o Sr. Silvério Cavalcanti tem conhecimento dos métodos e conteúdos aplicados pela Escola Nova, o que é decisivo na sua posição de escolha.

– Mas o que viria a ser essa escola? – Pergunta o Sr. Silvério. Quais formações teriam esses professores?

– Nossos professores são enviados à Escola de Aperfeiçoamento para que, no período de não menos que 2 anos, sejam preparados para a prática docente e, como condição para o exercício de sua profissão, esses docentes necessitam ter boa condição física e ser detentores de uma vida ilibada.

Diante de exaustivas investigações, de muitas compreensões e pensando em sua filha Aurora, ele pede ao Colégio Marista que lhe forneça a transferência de seus filhos para encaminhá-los à Escola Pública Carneiro Leão. Mas os filhos da família Cavalcanti não foram os únicos a se transferirem para o novo método de ensino. Ciente do que estava acontecendo, o Bispo D. Atanásio Joaquim resolve convocar a população para uma nova homilia.

No dia marcado, durante a primeira missa às 6 horas, iniciando a pregação com uma forte reprimenda aos seus fiéis, o Bispo chama a atenção da plateia ali presente e combate severamente a falta de compromisso dos fiéis ao acolher ensinamentos pagãos, dando perigosas aberturas comunistas.

– Nossas famílias correm sérios riscos – diz D. Atanásio. E a culpa é vossa! Temos que confrontar esse sentimento ideológico. Mas há uma solução: arrependam-se e sejam prontos à obediência à Santa Igreja.

Não obstante, passando-se mais alguns dias, a Igreja se vê em mais uma situação desfavorável ao seu poderio religioso, no seio educacional brasileiro. Não bastando a migração de muitos estudantes para as escolas públicas, é chegada às mãos do Bispo D. Atanásio uma publicação do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, “A reconstrução educacional no Brasil: ao povo e ao governo”, assinado em 1932 por 26 educadores. Ora, como administrar tantas afrontas?

O Manifesto acirrou os conflitos entre educadores católicos e liberais. O documento claramente defendia uma escola pública laica, regida pelos princípios de obrigatoriedade, coeducação, gratuidade e autonomia, agravando uma árdua disputa teórica e política em que os dois lados buscavam expor legitimidade e competência para conduzir a educação da pátria. Fazendo uma leitura minuciosa do Manifesto, D. Atanásio resolve se reunir com outros Bispos para produzirem um texto em resposta às afrontas dos liberalistas, acusando-os de serem meros comunistas e de ludibriarem da educação moral, íntegra, conservadora e estritamente bem feita, que é propiciada há anos pela Igreja e que, autenticamente, em seu pensamento, representa uma tradição para o ensino na nação brasileira. Além de que, sendo uma dominação ideológica, a Igreja só tenderia a perder, cada dia mais, os recursos financeiros possibilitados pela crença e obediência irrevogável dos fiéis.

– Tradição não se muda, não se apaga! – Esbravejava o bispo. Dizendo ainda: – As homilias não estão resolvendo nada, precisamos dar voz aos nossos ideais! Se aqueles energúmenos fazem campanhas desleais para incutir seus pensamentos, façamos também para influenciar a todos de que nossos pensamentos são melhores e mais prudentes. Não podemos permitir que nossos fiéis abram as mentes para as concepções mundanas. Temos o poder e não podemos perdê-los!

Os demais bispos presentes concordam e enaltecem o pensamento de D. Atanásio. Ao longe, é possível ouvir:

– “Demônios!” “Malditos liberais!” “O poder é nosso”!

Desta maneira, foi redigido um texto e elaborada uma campanha de divulgação da política educacional católica, apresentando contrapontos em relação aos rivais. O Jornal Semanal foi o veículo utilizado para propagar a posição católica.

– “Extra! Extra! Pedagogia Comunista anseia descristianizar o ensino brasileiro”, essa foi a manchete do Jornal Semanal deste dia.

Ao passar pela cidade recifense, muitos eram os leitores com jornais nas mãos e com o semblante de surpresos. Nesta época, muitos confrontos ideológicos movimentaram as cidades. Mas até onde isso iria levar? Qual modelo de ensino escolher? Quem está certo em suas convicções? A verdade é que muitos fiéis ficaram divididos. A Igreja, por mais que tentasse difundir suas ideias opositoras à laicidade, não conseguia reverter sua legalização e tampouco forçar coercitivamente aquele direito de escolha, senão exercendo uma pressão psicológica de que aquela escolha representava um pecado e uma negação aos princípios de Deus, que devem fazer parte de toda a vida cristã, dentro e fora da Igreja.

Apesar de tantas tentativas e não conseguindo comover parte da legião de fiéis, tampouco conseguindo evitar que as famílias colocassem seus filhos na escola pública, como acontecera com a família Cavalcanti, o clero brasileiro resolve pensar em outras soluções para não perder o poderio e continuar exercendo influência na vida, para além da religiosa, dos fiéis. Quanto mais a população adentrasse em um ensino laico, crítico, gratuito e longe de um pensamento estritamente ideológico, mais oposições seriam criadas em relação à Igreja. Era preciso conter os ânimos, evitar o ápice possível dos revoltosos e mudar... Sim, mudar!

Sobremodo, de forma diplomática e estratégica, o clero resolve enviar parte de seus professores para o curso normal, a fim de prestar concurso público para as escolas públicas e, a partir daí, recatolicizar a escola, por ora republicana e laica. Essa seria uma forma sutil de “aceitar” as reformas republicanas no contexto educacional e estabelecer uma relação “amigável” com o governo, sem deixar de exercer influência sobre o sistema educacional.

Mediante tal estratégia e, ao contrário do que se possa pensar, a oposição laicista nesta época não deixou de existir; tampouco as escolas religiosas católicas deixaram de ser disseminadas e reconhecidas nas grandes cidades, pois continuavam atendendo a uma demanda elitista, principalmente no que diz respeito ao ensino secundário, visto que a escola pública não atendia a este nível de ensino, detendo-se mais ao nível primário. Mas, é certo que:

“Uma nova escola constrói novos caminhos e define um novo futuro...”

POPULISMO E GOLPE CIVIL-MILITAR

O início tímido do processo de massificação do acesso à educação no Brasil. Impactado pela eclosão do Regime Ditatorial Civil-Militar, cuja natureza repressiva atingiu o cotidiano da vida escolar.

O PRIVILÉGIO DE ESTUDAR

Gleyce Ribeiro

Jéssica Laranjeira Guerreiro de Castro

Maria Janeide Araújo

INTRODUÇÃO

Em 1944, o Brasil era presidido por Getúlio Vargas. Neste momento, o país vivia a sua Terceira República, na qual o Governo colocou em vigor projetos de reforma educacional, como a Reforma Gustavo Capanema, em 1942.

Nesse contexto, na cidade do Rio de Janeiro, viviam Dona Maria e Seu Benedito Ribeiro, que já estavam acostumados com tantas mudanças em suas vidas. Ex-cortadores de cana-de-açúcar, vieram do interior de Pernambuco, da cidade de Água Preta, no final dos Anos 20, em busca de uma vida melhor. Tal movimento migratório fazia parte da ordem social da época, de modo que as cidades ficavam abarrotadas de pessoas, sem ter a contrapartida de maiores investimentos em transportes de massa e saneamento.

Benedito trabalhava como gerente de um setor de uma indústria siderúrgica, tendo sido operário antes de ser promovido, enquanto Maria trabalhava ajustando as roupas em uma boutique chique no bairro do Leblon. Tinha a ajuda de sua irmã mais velha, Luzia, que havia vindo da seca nordestina ajudar a irmã nos cuidados com os três filhos do casal: Carlos, Mariana e Pedro, e permitir que ela trabalhasse para complementar a renda familiar. O foco de Dona Maria era incentivar a educação de seus filhos, uma vez que no interior

do Nordeste não era possível o acesso sistemático aos estudos, o que fadava seus habitantes ao analfabetismo. Seu Benedito, por sua vez, desejava que seus filhos homens tivessem a Educação Profissional, com o objetivo de que eles seguissem seus passos de forma mais preparada. Porém, como a educação da época era patriótica e com ensino religioso – o que era do seu gosto – ele acabava por não questionar verbalmente os anseios de sua amada esposa, mesmo que não acreditasse nem concordasse totalmente com os planos que ela tinha para seus filhos. E, mesmo com as periódicas dificuldades financeiras, Maria não media esforços para que seus filhos estudassem e chegassem à educação superior, tal como os rebentos das clientes da loja em que trabalhava.

Carlos, de 14 (quatorze) anos de idade, estava na terceira tentativa de passar para o Ensino Secundário. Sentia falta do Ensino Primário e, principalmente de seus amigos, mas sabia que se demorasse muito, poderia estudar para ser operário igual seu pai, em uma escola profissionalizante. Mariana, irmã gêmea de Carlos, havia obtido êxito na primeira tentativa, e realizava o seu Ensino Secundário em uma escola para meninas, estando no segundo ano de seus estudos. A aprovação foi bastante bem vinda por ela, uma vez que seu pai havia decidido que, caso ela não passasse, iria ficar em casa cuidando de Pedro e ajudando a tia e a mãe. A menina esperava que os próximos três anos passassem o mais rápido possível, para que o Primeiro Ciclo chegasse ao fim, e ela pudesse chegar ao Segundo Ciclo e escolher o Curso Científico, pois o seu grande desejo era ser médica.

O Ensino Secundário da época era ministrado em dois ciclos. O Primeiro Ciclo compreendia apenas um curso, o Curso Ginásial. O ensino nesse primeiro momento abarcava os elementos fundamentais do Ensino Secundário. O Segundo Ciclo compreendia dois cursos paralelos: o Curso Clássico e o Curso Científico. O Curso Ginásial durava quatro anos, enquanto o Curso Clássico e o Curso Científico tinham, cada um, duração de três anos. Nesse Segundo Ciclo, consolidava-se, desenvolvia e aprofundava a educação ministrada no Curso Ginásial. Havia dois tipos de estabelecimentos de Ensino Secundário: o Ginásio e o Colégio. O primeiro era destinado a fornecer o Curso de Primeiro Ciclo. O Colégio, por sua vez, era o estabelecimento de Ensino Secundário destinado a dar o Curso Próprio do Ginásio e também os dois cursos de Segundo Ciclo. Mariana estudava em um estabelecimento que oferecia apenas o Primeiro Ciclo, o Ginásio Santa Clara.

O filho mais novo dos Ribeiro, Pedro, tinha nove anos e fazia seu Ensino Primário em uma escola carioca, a Escola Pedro Ernesto, e não gostava

muito de estudar, reclamando constantemente, principalmente quando questionado por Dona Maria:

- Filho, como foi o dia na escola hoje?

Pedro, então, respondera, com um ar de esgotamento:

- Ah, mainha, eu não gostei, o professor de Educação Física nos obrigou a fazer cem polichinelos! E estou cansado de cantar o Hino Nacional todos os dias, não quero ser militar... Quero ser jogador de futebol... – Ao ser interrompido pela mãe:

- Pedrinho, vire essa boca pra lá! Não estão te ensinando a ser militar, estão apenas te ensinando a valorizar nossa nação a ser patriota! Estude, tente crescer na vida, honre o esforço que seu pai e eu fazemos para que você estude... Quem não nasceu em berço de ouro tem que se esforçar em dobro!

Tal diálogo se repetia constantemente, o que preocupava demasiado Dona Maria. Sentia-se privilegiada pelo fato de poder proporcionar aos rebentos os estudos, mesmo sabendo que a instrução era estruturalmente destinada à elite, e não à classe trabalhadora. E, como o Brasil vivido por ela e seus familiares havia passado por tantas mudanças, ela sabia que a única coisa constante era que quem estudava poderia cursar uma faculdade e subir de camada social.

Já Mariana lidava com a escola de uma maneira distinta da dos irmãos. Mesmo sabendo que a educação destinada às meninas era voltada à “missão do lar”, já que em todas as oportunidades os docentes remetiam aos casamentos futuros delas, e que os estudos para o sexo masculino tinham conteúdos mais detalhados, ela adorava estudar e se imaginar atuando nos hospitais, ajudando as pessoas. E, para isso, precisava estudar bastante, para lograr êxito nas avaliações e chegar bem ao Curso Científico. Todavia, não se sentia tão incentivada pela mãe como os seus dois irmãos. Sua genitora, de fato, a apoiava, mas ainda assim as suas palavras de motivação eram mais destinadas a Pedro e, principalmente, a Carlos. Mariana, então, tentava compreender a situação do seu gêmeo e criava ânimo por si própria para as etapas que deveria cumprir em prol dos seus objetivos.

De fato, uma imensa inquietação de Dona Maria era a não aprovação de Carlos nos exames para ingresso no Ensino Secundário. O menino não havia sido aprovado nos exames de primeira época, em Dezembro de 1943 nem nos de Segunda época, em Fevereiro de 1944. Sentiu-se angustiada no dia 1º de Março, quando viu as mães matriculando seus filhos nessa modalidade de ensino e quando tinha que responder a alguma conhecida quando perguntada se seu filho havia conseguido. Já estava ficando difícil esconder a irritação e

tristeza quando, ao dizer que não, visualizava um olhar de pena de quem a questionava. Por outro lado, Seu Benedito afirmava sempre que possível:

- Pois eu acho que temos que botar este menino pra estudar, pra trabalhar. Se ele não consegue passar na prova, ele vai é virar um encostado! Já acho muito gasto com Mariana, estudar é coisa de rico, pobre só trabalha! Pois se chegar Dezembro e ele não passar, ano que vem eu boto ele no SENAI e acabou-se!

Desde a criação do SENAI no Rio de Janeiro, em 1943, seu Benedito passou a idealizar Carlos e Pedro estudando e se especializando em algum curso profissionalizante que a instituição ofereceria, pois seus filhos homens estariam qualificados para o mercado de trabalho industrial, e então ele poderia dormir tranquilo, pois sua prole estaria bem encaminhada. O patriarca da família Ribeiro já tinha conhecimento da instituição do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial na cidade de São Paulo, em 1942, por Getúlio Vargas, mas nunca imaginou que o Rio seria contemplado com um centro de especialização profissional como o SENAI. Quando essa instituição foi instalada, ele passou a demonstrar cada vez mais vontade de inserir seus filhos nela. Todavia, tal desejo ia de encontro aos interesses de Maria para os meninos, o que sempre gerava discussões intermináveis.

Em uma dessas discussões, Carlos e Pedro escutaram por trás da porta. Pedro, então, disse para o irmão:

- Se você fosse menos burro, painho e mainha não estariam gritando.

Carlos, então, retrucava:

- Eu não sou burro não, só me deu um branco na hora, o professor me perguntou na prova oral algumas coisas que não sabia, que não vi no primário, fiquei nervoso e não tirei o cinco. E não tem problema, painho já disse que se eu não passar de novo, vou virar operário igual a ele e vou para o SENAI!

Pedro diz:

- E burro vai para o SENAI? – Seguido de um safanão de Carlos, que sussurra com raiva:

- Painho disse que só precisa saber ler e escrever o nome...

Pedro, então, ressalta:

- Pois tu deveria achar é bom não ir pra escola... É o tempo todinho aqueles professores falando que “eu tenho que ser patriota, para ser um homem honrado”, eu tenho que ficar rezando toda a semana, cantando o Hino Nacional, olha, é um inferno, e mainha acha isso a melhor coisa do mundo, eu não sei como Mariana quer tanto estudar... – Pedro o interrompe, e diz:

- Mariana é doida. Deveria ajudar mainha, mas fica lá gastando o dinheiro de

painho, e deixa a gente sozinho com a bruxa de tia Luzia. Se ela ficasse em casa, daria pra mainha parar de trabalhar e tia Luzia ia era “simbora” daqui. – Dizia Carlos, com raiva, e sob a concordância do irmão.

Mariana, por sua vez, havia escutado toda a conversa dos seus irmãos. Aquilo a entristecia, mas ela entendia que o que ela deveria fazer era ignorar essas falas e seguir seu caminho. E também teria prova de Inglês no dia seguinte e precisava correr atrás, uma vez que este era o primeiro ano em que ela tinha tal disciplina. No ano anterior, ela havia tido aulas apenas do Francês como língua estrangeira.

No dia seguinte, sob o olhar de reprovação da tia Luzia – cuja vontade de voltar ao Nordeste e ficar com a mãe, já idosa, era latente – Mariana ia para a escola. Ao chegar na metade do caminho, encontrara Lili, sua melhor amiga, e ambas começaram a conversar:

- Olá, Mari, que cara é esta? Preparada para a prova?

- Lili, não estou nada bem... Além de não me sentir preparada para a prova, ouvi coisas horríveis dos meus irmãos e do meu pai... Basicamente eles não querem que eu estude...

- Ah, eu sei como é, você sabe que eu queria ser uma grande cantora, é só ver meu desempenho nas aulas de Canto Orfeônico... Mas meu pai não aceita, então, assim que terminar meu Curso Clássico, ele já me avisou que irei para a França estudar Arquitetura, para cuidar da empresa... Já que eu sou a única filha, terei que ser eu a dar seguimento nos negócios. Olha, no fim os nossos pais sabem o que é o melhor para a gente, eu já aceitei! E também acho que o Curso Clássico será bom para mim... Pena que você não quer ir para ele...

- Eu não vejo a hora de ir para o Curso Científico! De todo modo, estudaremos coisas parecidas. Eu perguntei para uma cliente da loja de minha mãe, que é estudante do Curso Clássico... E ela até estranhou meu interesse, me olhou de cima pra baixo... Mas, enfim, ela me contou o que é estudado no Segundo Ciclo...

- É mesmo? Eu nem me informei sobre isso...

- É sim! Olha aqui, eu anotei... Estudaremos: Português, Latim, Grego, Francês, Inglês, Espanhol, Matemática, Física, Química, Biologia, História Geral, História do Brasil, Geografia Geral, Geografia do Brasil, Filosofia e Desenho. Só que eu não vou estudar Latim nem Grego, e você não vai estudar Desenho, entendeu?

- Ah, sim... Olha! O professor está chamando:

- Hello, ladies...

E assim Mariana seguia, meses após meses, estudando e obtendo resultados razoáveis, mesmo com a falta de apoio de seu pai e com as indiretas de sua tia, que acreditava que a beleza de uma mulher deveria ser gasta procurando um marido de boas posses, o que garantiria uma melhoria de vida a todos – tal amargor era reflexo de uma inconformação com o fato de ser uma solteirona. A jovem realizava trabalhos escolares diariamente e fazia, de vez em quando, exames no decurso das férias. Quando pensava em descansar, imaginava-se dentro de um hospital atendendo pessoas e tal deslumbramento fazia com que sua energia fosse retomada.

O final do ano chegou e isso representava duas coisas para a família Ribeiro: o fim dos anos letivos de Mariana e Pedro e a bateria de provas às quais Carlos seria submetido. Dona Maria ficava com muita expectativa, mas, naquele ano, algo seria diferente. Seu Benedito havia sido taxativo: a não aprovação na nova tentativa do seu rebento seria seu passaporte imediato para o SENAI. No dia em que os resultados – mais uma vez negativos do adolescente chegaram – Seu Benedito, após um longo suspiro, bradou:

- Pois já está certo! Eu acho esse Vargas arretado! Sei que o cabra não é perfeito, que querem porque querem tirar ele, mas pelo menos ele criou o SENAI, que, se Deus permitir, vai garantir um emprego pro meu filho. Maria, vai separando a Certidão de Nascimento dele, ele vai estudar lá!

Maria obedeceu, sem esconder um profundo descontentamento. Todavia, não havia mais nada a se fazer, Carlos estava defasado e precisava de um rumo para a sua vida. De fato, a necessidade da época era a mão-de-obra qualificada para a indústria, de modo a atender a demanda da economia brasileira, então o foco para as classes mais pobres era a educação profissionalizante. As classes mais abastadas tinham o privilégio de desenvolverem cada vez mais sua atuação intelectual, enquanto o trabalho braçal era feito pelos brasileiros pertencentes às classes mais pobres. Ela não queria este destino para seu filho, mas pensava que isso também teria o lado bom de se tornar um bom exemplo para Pedro se motivar a se instruir e a valorizar mais os estudos.

Diante disto, Carlos foi, inevitavelmente, conduzido para esse ensino profissionalizante, que tinha além do curso de torneiro mecânico, escolhido por seus pais, os cursos de serralheiro, moldador, soldador e de leitura de desenho mecânico, todos com o objetivo de suprir a necessidade do mercado.

Carlos iniciou as aulas, e, apesar de entender que estava aprendendo uma profissão, ao mesmo tempo ele sofria e se arrependia de não ter aproveitado a oportunidade de estudar e ter tentado uma profissão melhor, menos

pesada. Passou, então, a entender o esforço de sua irmã para estudar e prometeu a si mesmo não desmerecer o esmero de Mariana. Por fim, acabou por ponderar que ele não tinha mais o que escolher, já que seus pais lhe obrigaram a aprender uma profissão para poder trabalhar e ajudar a família.

Ao ver o arrependimento do irmão, Pedro pensara que era melhor valorizar seus estudos e se empenhar para chegar ao Ensino Secundário. Dona Maria também usou uma outra estratégia para incentivar seu filho: elogiar Mariana e reforçar a todos – incluindo Benedito e Luzia – o quanto a Educação era importante para uma mudança de vida, ainda que o caminho não fosse dos mais fáceis para as pessoas que não tinham berço. Com o passar do tempo, Seu Benedito começou a entender e a valorizar a filha, percebendo o quão injusto estava sendo:

- Maria, você tava era certa, Mariana é uma menina de ouro, vamos fazer de um tudo para ela continuar estudando. – Sendo interrompido pela esposa:
- Pois é, Biu, os meninos não gostam de estudar, Pedro agora que tá começando a tomar tento... Nossa filha merece ter uma vida diferente da nossa, a gente passou muito sufoco pra ter o que temos hoje, e ainda assim não é muito.
- Eu sei, mulher, eu sei...

Mariana ouvira tudo com um sorriso nos lábios. A Educação realmente não era para todos, pois era comum moças de sua idade não estarem mais na escola. Mas poderia ser possível para ela. E com o apoio de sua família – menos o da sua tia Luzia, mas esta poderia ser facilmente ignorada – ela teria mais forças de seguir em frente. Foi dormir feliz e acabou sonhando com o dia de sua formatura no curso de Medicina, no qual ela fazia um discurso:

“Na minha época, eu ouvia o mundo me dizer que nem todos tinham a possibilidade do acesso à Educação. Meus pais vieram de longe e não puderam estudar, foram apenas alfabetizados. Meu irmão gêmeo, hoje um homem honrado e trabalhador da indústria, não conseguiu estudar o mesmo que eu. Meu irmão Pedro conseguiu e hoje faz faculdade. E eu estou me formando médica. O que eu quero dizer, aqui, é que o governo precisa permitir que todos estudem. Eu pude, mas em muitos momentos quase desisti. Mas, assim como perdi a esperança em muitos momentos, hoje vivo a esperança e a levarei para meus pacientes. E espero que muitas pessoas como eu, que mesmo com tudo contra, chegaram aqui, peguem a esperança vivida e a levem para todas as crianças, adolescentes e adultos que querem e não puderam ter o privilégio de estudar.”

FINAL DE SEMANA HISTÓRICO

Jéssica Ribeiro de Oliveira¹

Stefani Ferreira da Silva²

Era manhã de um sábado ensolarado, eu estava a caminho da Universidade, para mais um dia de aula no curso de extensão que havia me matriculado no início do semestre. Faltavam poucos dias para a tão sonhada e aguardada férias. Estávamos exaustas, sabe como é, né? Final de semestre é sempre assim: pouco tempo, muitos trabalhos. Enquanto corria apressadamente para não me atrasar para a aula, chegava esbaforida na Universidade e o professor já tinha iniciado a discussão. O debate hoje era sobre o período da República no Brasil. Extenso período que se inicia em 1889, que dá continuidade e aprofunda desejos de mudanças presentes na sociedade desde muito antes.

O professor começou a falar que esses desejos de mudanças não ficaram apenas no cenário político e econômico do país, mas que as expectativas de mudanças também se estendiam para o campo educacional e que isso se expressava nas constituições e leis de reforma que visavam a concretizar os projetos de educação dirigidos pelas elites. Enquanto o professor explicava sobre os interesses das elites e mudanças das leis para educação, eu refletia com minha colega ao lado sobre como pouca coisa parecia ter mudado de lá pra cá. Oras! Estávamos em pleno século XXI, e ainda não conseguimos instaurar uma edu-

1 Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco. Mestranda em Educação Contemporânea do Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco – Campus Agreste. Integrante/pesquisadora do Imaginário – Grupo de Pesquisas Transdisciplinares sobre Estética, Educação e Cultura.

2Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco. Pós-Graduanda Lato Sensu em Psicopedagogia.

cação verdadeiramente laica nas escolas, apesar de ser previsto na constituição e ser discutido sobre esse direito desde a constituição de 1891, que se destacava por levantar, entre outras coisas, a bandeira da laicidade no Brasil.

Enquanto eu conversava, o professor prosseguia falando sobre os desejos de reformas e os muitos retrocessos durante o período e, incomodado com meu falatório em cochichos com minha amiga, ele pediu que eu me levantasse, em pleno auditório lotado, e falasse para as demais pessoas quais eram os projetos de reformas que surgiram no período da primeira república no Brasil. Eu, com toda minha desenvoltura e poder de oratória, me levanto e me posiciono à frente de toda a turma e comecei a discorrer sobre aquilo que sabia sobre os cinco projetos que foram produzidos no período da primeira república: Reforma Benjamim Constant (1890-1891) voltada ao ensino propedêutico; Reforma Epitácio Pessoa (1901) focaliza no ginásio nacional, não registrava interesse pelo ensino primário nem papel do governo no financiamento da educação; Reforma Rivadávia Correia (1911) aprova leis orgânicas do ensino superior e fundamental e organiza o Pedro II na expectativa de imprimir um modelo de ensino secundário não propedêutico, não assegura a gratuidade de ensino e define como responsabilidade do governo apenas aos órfãos de pai e mãe, filhos de funcionários federais, não excedendo mais que dois irmãos.

Não aparece ainda interesse pelo ensino primário, são mudanças em direção opostas; Reforma Carlos Maximiliano (1915) coincide com a 1ª guerra mundial, em que são lançadas medidas econômicas; na educação, a carta apresenta poucas referências da participação do governo no financiamento dos ensinos superior, secundário e no seu texto várias contradições; e a Reforma João Luís Alves (1925) ou “lei Rocha Vaz”, nos anos 20, período fértil no qual surgem várias reformas nos estados de São Paulo, Ceará, Bahia, Minas Gerais, Distrito federal e Pernambuco.

Ele, ainda não satisfeito com toda minha palestra sobre o tema, assim que eu acabo de falar, antes mesmo que eu pudesse recuperar meu ar nos pulmões, me questiona: “– Você está esquecendo de um acontecimento que foi importante para os avanços na educação do Brasil. O Mani...” antes que ele concluísse a fala, eu o interrompi, eu sabia do que ele estava falando, sabia também o que ele estava tentando fazer perante toda a turma. Queria me colocar em saias justas, achando que eu ia cair na cilada, “Logo eu que as uso todos os dias”, – pensei. Eu prontamente lhe respondi “– Querido professor, sei sim sobre a que acontecimento o senhor vai se referir e, não, eu não havia esquecido, eu estava apenas fazendo uma pausa para reorganizar as ideias e voltar a falar

sobre O Manifesto dos pioneiros.” Ele ficou surpreso achando que eu estava por fora do conteúdo, ficou boquiaberto quando discorri sobre o tal manifesto, que se tratava de um documento que buscava uma renovação educacional no país. O documento preocupava-se com a administração escolar, estabelecida como fator fundamental para a solução dos problemas educacionais agravados no regime republicano, mas também procurou renovar a escola tradicional, objetivando a verdadeira função social da escola. O documento vai tratar também do direito dos cidadãos brasileiros no que se refere à educação, tais como: a educação pública, a escola única, a laicidade, gratuidade e obrigatoriedade da educação.

Após minha explicação sobre o manifesto dos pioneiros, o professor pediu para que eu me sentasse e encerrou a aula do dia, solicitando que fizéssemos uma síntese do próximo texto que ele trabalharia na aula seguinte. O texto iria discorrer acerca da Era Vargas, as transformações socioeconômicas que ocorriam no país e como ocorreram as reformas educacionais dessa fase. A Era Vargas foi uma etapa marcante na vida nacional e de grandes transformações sociais e econômicas que constroem as bases da modernização do Estado brasileiro, destacando a criação da Companhia Siderúrgica Nacional (CNE), Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio e Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Nesse intervalo, são promulgadas duas constituições (1934 e 1937) e duas grandes reformas: a Reforma Francisco Campos e a Reforma Gustavo Capanema. Um momento de grande efervescência política, econômica e educacional no país.

No retorno pra casa, eu e minha amiga conversávamos sobre os acontecimentos da aula e seguimos conversando de como ainda carregamos tantas práticas tradicionalistas em nós. Eu disse a ela que havia achado a atitude do professor bastante tradicionalista, ao ponto que ela concordou em algumas questões diante o comportamento dele. Ficamos longos minutos defendendo cada uma seu posicionamento frente à postura tradicional, ou não, do professor. Confesso que estava conversando e que tinha chegado atrasada, mas acredito que haveria outras maneiras de conduzir a situação. Justamente num curso que se propõe a discutir possibilidades para uma nova educação. Apesar de lutarmos e debatermos sobre a necessidade de reformas para adequar o ensino à cidadania, nós mesmos não conseguimos abandonar atitudes e conceitos que estão internalizados em nós devido uma construção histórica, política, econômica, social e cultural.

AS 40 HORAS DE ANGICOS

Crislani da Silva Heleno³

Maria Luciana Davi⁴

Marilene Santos de Souza⁵

Angicos, 13 de junho de 1964, é dia de Santo Antônio, a rua de barro batido está cheia de luz, permeada com fumaça das fogueiras de angico verde, aliás, árvore que dá nome àquela cidadezinha do interior potiguar. O perfume da fumaça se mistura com o cheiro do milho assado.

Para os agricultores não foi um ano bom, a seca mais uma vez esteve presente. Ao lado da fogueira, José comenta com sua esposa Maria como a desigualdade é perversa, pois não sabe se terá comida suficiente para alimentar a família até o ano seguinte, mas segue confiante que a vida vai melhorar, aliás, já melhorou, até o ano passado nem ele nem Maria sabia ler, hoje lê, escreve o nome e cartas para o irmão que migrou para São Paulo.

Neste clima de fé e incerteza, a conversa com a esposa é interrompida por Pedro, vizinho de José.

— Zé, venho da rua de cima, você já está sabendo dos últimos acontecimentos?

— Não, homem de Deus, o que aconteceu? Por que você parece tão assustado?

— Prenderam o professor!

— Que professor, homem?

— O professor Paulo Freire... Andam dizendo que é comunista, e os militares

3 Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal de Pernambuco

4 Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco. Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

5 Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco.

que tomaram o poder estão perseguindo ele e todas as pessoas que estudaram com ele.

— Minha Nossa Senhora, quem te falou essa história?

— Foi Francisco, ele acabou de chegar de Natal contando isso, porque o professor veio aqui em Angicos com os monitores e passaram 40 horas ensinando. A história é que veio nos doutrinar, que os agricultores de Angicos também são comunistas, o regime vem aqui investigar nossa casa e ver o que tem em nossas cartilhas.

— Meu Deus! Valei-me Santo Antônio! O que vamos fazer?

— Queimar, enterrar o material educativo, essa é a indicação.

— Jesus, tenho tanto zelo e amor pelas minhas cartilhas!

— Pois é, Maria, mas você vai ter que destruir, somos pobres e não podemos correr o risco de ir para a prisão, quem vai criar nossos filhos?

— Eu sei, homem, é que são tantas lembranças boas, até o ano passado éramos ignorantes, não sabíamos nem assinar o nome, aí passou o carro de som chamando a gente pra aprender, seriam 40 horas de estudo todas as noites depois da lavoura. Tudo isso idealizado por um professor lá do Recife, Paulo Freire e seus alunos e alunas, que eram chamados de monitores. Um homem tão importante se lembrou de nós. Eu e José demos o nome e fomos estudar, lembro do primeiro dia, eu estava tão nervosa, ganhamos lápis, caderno borracha e as cartilhas. O professor nos recebeu muito educado, ficamos em uma turma com a monitora Mariana, uma moça muito bonita e simpática, ela me disse que eu podia levar a Cícera para a escola comigo, o importante era não faltar, que eu ia aprender. Eu pensava que seria mais difícil, mas não foi como imaginei, às vezes eu estava cansada por causa do dia todo na lavoura, os afazeres domésticos, mas eu ia e me sentia importante, pois Mariana usava o meu conhecimento para me ensinar, falava de temas geradores e me ensinou a ler e escrever a partir de palavras conhecidas: “tijolo, telha, lavoura, enxada”. Mariana dizia: “dona Maria a senhora também tem conhecimento” e aquilo me deixava tão feliz.

Pedro interrompe a reflexão de Maria e diz:

— Na minha turma era a mesma coisa, a moça me ensinou que sou cidadão, tenho direitos e deveres, que as desigualdades sociais existem porque as riquezas são distribuídas de forma desiguais. Não me ensinou apenas ler e escrever, mas lançar um novo olhar sobre o mundo por meio do conhecimento que eu já tinha. Talvez seja por isso que prenderam o professor, não querem que pobre saia da condição de subalternidade em que vive.

— É, meu amigo, vamos resistir, esse tempo vai passar, chegará o dia que nos-

sof filhos poderão estudar, frequentar a faculdade e se formar. Mas por hora vamos queimar essas cartilhas, apagar a prova material do conhecimento adquirido. Podemos queimar os livros, mas o aprendizado fica e a certeza de que nada é permanente, e esse momento também vai passar.

Em meio a lágrimas, o fogo aumenta como num ritual, o papel vira cinza, o tempo é duro, mas os sertanejos são calejados.

ERA UMA VEZ...

Beatriz Monique da Silva Ferreira⁶

Maria Caroline de Santana Carvalho⁷

Wendell Bezerra⁸

“Era uma vez”, era assim que toda mulher gostaria que sua história começasse. E foi exatamente assim que começou a história de Júlia com Djalma. Como em um conto de fadas, borboletas voavam, o sol brilhava forte e a felicidade reinava. O que Júlia não esperava era que esse conto estava mais para “Romeu e Julieta” do que para “Cinderela”.

“Então, foi aí que o problema começou. Aquele sorriso. Aquele maldito sorriso!” Era exatamente o que Júlia falava quando se lembrava do início de seu relacionamento com Djalma, no ano de 1964. Mas, vamos deixar essa parte um pouco de lado e tratar do início de tudo.

Júlia Dias, 12 anos, recifense, filha de Juliana e Roberto, ambos professores da rede pública de ensino do Recife, estudante do Colégio Estadual de Pernambuco (CEP). Ela vivia normalmente sua vida adolescente e escolar, até que a diretora Gertrudes interrompe a aula de matemática e entra na sala de aula para dar um aviso: — Um aluno novato está chegando a esta sala, quero que conheçam e recebam bem o aluno Gabriel.

6 Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal de Pernambuco.

7 Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco.

8 Graduado em História pela Universidade Federal de Pernambuco.

Gabriel Arruda, 13 anos, recifense, filho de Joana e Artur, ambos advogados.

Júlia, por ser sempre muito simpática, foi a aluna que primeiro se aproximou e fez o contato inicial com o aluno novato. Daí em diante, não só viraram amigos, como também melhores amigos. Não se desgrudaram mais um do outro. Tanto que ao marcar para fazer um simples trabalho de geografia na casa de Gabriel, ela não esperava que sua vida fosse mudar tanto.

Nesse momento, entra em cena Djalma Neto, o irmão mais velho de Gabriel, de 16 anos. Djalma era todo “saradão”, alto e forte. Seus olhos verdes, dizia Júlia, lembravam os de seu cantor favorito, Chico Buarque, ainda pouco conhecido.

Quando Júlia tocou a campainha, logo tomou um susto ao ver Djalma, que veio abrir a porta.

— Bom dia (toda vergonhosa), sou Júlia, Gabriel está? Vim fazer um trabalho de geografia com ele.

— Bom dia, Júlia! Falou ele, com um sorriso no rosto. Gabriel está sim, vou chamá-lo. E sim, já ia me esquecendo, sou Djalma, irmão mais velho de Gabriel. Fique à vontade, pode entrar e sentar.

Pronto, bastou aquele primeiro sorriso para Júlia não esquecer mais de Djalma. Sempre que tinham trabalho em grupo para fazer, Júlia sugeria a casa de Gabriel, pois assim ficaria mais perto de Djalma. Sempre que Júlia encontrava Djalma, ficava com vergonha de falar sobre seus sentimentos, pois se achava muito nova para ele. Djalma de toda forma sempre via Júlia como uma irmã mais nova e não fazia ideia que a mesma estava apaixonada por ele.

Com o passar do tempo, no ano de 1969, Júlia já havia chegado ao ensino médio, ainda apaixonada por Djalma. Como ela agora estava mais velha e bastante bonita, atraía os olhos dos garotos da escola. Porém, nunca se interessou por ninguém além de Djalma. Conversando com Gabriel certa vez, ele falou:

— Júlia, por que tantos meninos se interessam por você e você não demonstra interesse por eles?

Júlia pediu segredo e falou para seu amigo:

— Eu gosto realmente do seu irmão. Mas como sou muito nova e ainda estou na escola, acredito que ele não me nota.

Nessa parte da história, Djalma já estava no ensino superior, estudando na Faculdade de Direito do Recife.

Gabriel assim que chegou em casa e viu o irmão, falou para ele sobre os sentimentos de sua amiga.

— Ela é louca por você Djalma, faz anos que gosta de você.

— Eu sempre a vi me encarando, porém, pensei que era coisa de “irmã mais nova”. Acho ela muito bonita agora, vou falar com ela e ver o que acontece.

Não deu outra! Djalma convidou Júlia para tomar um sorvete e desse encontro sur-

giu uma nova história de amor.

Durante a volta pra casa, o carro de Djalma ficou preso em um protesto. Eram pessoas fazendo uma passeata contra as atrocidades do governo ditatorial vigente. Djalma logo começou a reclamar da bagunça, que só atrapalhava o cidadão de bem, enquanto Júlia falava que era um direito deles protestar, até porque ela sabia que seus pais estavam no protesto, porém ficou envergonhada de falar.

Mas, passada a manifestação, Djalma a deixou na porta de casa e aconteceu o primeiro beijo. Realmente foi tudo aquilo que Julia esperava, para ela valeu a pena esperar tanto tempo assim.

Mal sabia ela o que estava por vir!

Quando seus pais chegaram em casa, ela tomou uma baita surpresa. Seu pai Roberto estava com um corte na cabeça e culpava a repressão dos militares naquela passeata pacífica. Júlia e sua mãe, Juliana, cuidaram do pai e colocaram-no para dormir. Porém, Júlia ficou furiosa e mal conseguiu pegar no sono durante a noite, pensando no que podia fazer. No dia seguinte, Júlia levantou mais cedo da cama e chegou na escola antes do normal. No caminho, havia comprado cartolinas e adesivos, logo foi direto para a biblioteca preparar alguns cartazes contra a repressão militar do ato pacífico da noite anterior. Ela pensava que se mais pessoas soubessem o que aconteceu, elas iriam acordar e lutar. Júlia juntou, assim, um grupo de amigos e os informou melhor sobre o que estava acontecendo.

Foi quando começaram a perceber que essa atitude dos militares em Recife estava sendo tomada em muitos locais no Brasil e que inocentes estavam sendo machucados por apenas lutarem pelos seus direitos. E foi assim que surgiu a ideia de criar oficialmente um grupo na escola, denominado de GLEs (Grupo de Luta Estudantil). As reuniões aconteciam sempre que eles largavam, no Colégio Estadual de Pernambuco.

Júlia estava muito animada com seu grupo de lutas, eles faziam reuniões públicas na rua, debates dentro da escola e cartazes com informações dos crimes cometidos pelos “milicos”. Com isso, até deixou Djalma um pouco de lado, tanto que recebeu com surpresa a notícia de que ele havia sido convocado para servir ao exército.

Como eles já estavam há um tempo juntos e apaixonados, ambos não imaginavam que os papéis que iriam viver a partir de agora ocasionariam alguns problemas. Djalma começou seu treinamento no exército enquanto Júlia descobria que ela e seus amigos não estavam sozinhos na luta por dias melhores. Ela percebeu que um grande número de estudantes secundaristas estavam se organizando em suas escolas para lutarem juntos pela causa. E não apenas os alunos, professores também estavam lutando juntos. Todos em defesa dos direitos que, ao serem questionados, o povo era punido e acusado de “subversão”. Assim, inúmeros funcionários públicos foram

presos, torturados e mortos.

O desejo de contribuir para o fortalecimento da luta dos alunos foi se ampliando.

Com o auxílio dos professores, o GLEs criou um jornal de crítica ao governo chamado de “Voz da Verdade”, que de início circulava apenas dentro da sua escola. Contudo, o sucesso do jornal foi tamanho que alunos de outras escolas queriam ter em mãos.

Então, para incentivar outros alunos de outras escolas a escreverem, Júlia e o GLEs criaram para outras escolas uma oficina no CEP de “como fazer um jornal”. A oficina foi um sucesso! Muito aprendizado e, o mais importante, as pessoas estavam unidas na causa. Júlia e Djalma se viam uma, duas vezes por semana no máximo. Ambos empolgados com seus novos estilos de vida. Às vezes, entravam em uma discussão, mas nada que abalasse seu relacionamento.

O movimento secundarista estudantil estava crescendo e as escolas estavam se tornando cada vez mais pontos de resistência. Debates, palestras, produção de material impresso, criação de pequenas rádios, tudo isso estava contribuindo na formação de estudantes críticos aos abusos dos militares. Porém, ainda faltava alguma coisa. O GLEs era útil para a comunidade escolar, no entanto Júlia e os demais queriam mais, queriam os cidadãos, queriam o “povão” das ruas. Em razão disso, os alunos secundaristas de Recife se organizaram nas escolas, prepararam materiais e fizeram uma divulgação da “Passeata da Libertação”, a qual o tema principal seria protestar contra os abusos dos militares e pedir uma “libertação” desse sistema de governo. O que Júlia e os demais não perceberam, por ingenuidade ou por falta de informação, era que no ano de 1969 estava acontecendo as repressões mais violentas por parte dos militares.

No final de semana que antecedeu a passeata, Júlia e Djalma foram ao sorvete, como de costume. Júlia que sempre estava empolgada, dessa vez se mostrou estranha, quieta, com poucas palavras. Djalma percebendo perguntou:

— O que está acontecendo com você, amor?

— Nada, só estou preocupada com a passeata na próxima semana.

— Eu já falei pra você parar com essas coisas. Você já viu o que acontece com quem frequenta esse tipo de lugar.

Júlia não querendo discutir mais sobre isso, apenas respondeu:

— Eu já sei o que você pensa sobre isso e vou mesmo assim! Porém, só estou com uma sensação ruim, não vamos falar mais sobre isso.

O passeio continuou com um clima meio pesado entre eles. Na hora de se despedir, não houve nem um beijo. Eles deram um abraço e nada mais. Chegou o dia da “Passeata da Libertação”. Como era um evento que ocuparia grande parte do centro de Recife, as escolas liberaram os alunos mais cedo para poderem ir para casa ou para

o ato.

Tudo estava correndo tranquilamente: gritos de ordem contra o governo, pedidos de liberdade, cartazes e panfletos informativos para a população, até que o exército chegou! E quando chegou, mostrou logo a que veio.

Alguns militares fortemente armados entraram no meio do protesto e escolheram um alvo. O alvo foi Gabriel, melhor amigo de Júlia e irmão de Djalma. Os militares começaram a bater no adolescente. Todos que estavam ao redor tentaram evitar, pois viram que foi um ato covardia, militares fortemente armados e treinados batendo em um simples aluno.

Quando Júlia percebeu o alvoroço foi logo ver o que estava acontecendo. Ao conseguir chegar no local, viu o seu melhor amigo apanhando. Ela não se conteve e partiu para cima dos militares porque estava sem armas, apenas com seu cartaz na mão. Como os militares não fazem distinções para violência, começaram a bater nela também. Os que estavam por perto, indignados com a cena, também tentaram revidar contra o exército, ocasionando assim uma briga generalizada.

Djalma estava do outro lado do protesto, quando ouviu o chamado do Sargento Barnes ordenando todos soldados irem ao outro lado da passeata, pois estava acontecendo uma confusão. Para chegar do outro lado mais rápido, Djalma saiu batendo e empurrando quem estava na frente.

Ao chegar no local da confusão ficou chocado e sem ação com o que viu. No meio da briga estava sua namorada e seu irmão apanhando.

Djalma não sabia o que fazer, pois se ele fosse tentar ajudar seria tido como inimigo e apanharia junto. Mas, também não poderia deixar Júlia e Gabriel apanharem mais. Foi assim que tomou a decisão que mudaria sua vida. Partiu para cima dos militares! Ele tentou separar Júlia e Gabriel dos soldados. No meio de toda confusão, um soldado puxa a arma e começa a atirar. Todos se abaixam ou saem correndo. Porém, foi tarde demais. Um tiro acertou o peito de Júlia, que logo caiu no chão sangrando. Todos ficaram loucos com a situação. Djalma logo pegou sua amada nos braços enquanto ela agonizava sem conseguir respirar e gritou para alguém pedir uma ambulância.

— SOCORRO! SOCORRO! Minha namorada está ferida, alguém chame uma ambulância!

Os amigos de Júlia logo correram para buscar ajuda. Porém, já era tarde.

Agonizando, sangrando, sofrendo e sem conseguir respirar direito, Júlia toma um último suspiro e fala:

— Apesar de vocês, amanhã há de ser outro dia!

E morreu. Nos braços de Djalma, Júlia morreu!

A notícia da morte de Júlia logo se espalhou. Por ser muito querida pelos alunos secundaristas, seu enterro estava lotado de estudantes.

Profundamente arrasada com a morte de uma grande aluna, a diretora Gertrudes disponibilizou o Colégio Estadual de Pernambuco para o funeral, e o local não poderia ser mais apropriado. Espaço onde Júlia começou sua luta e mobilizou pessoas, tornando um centro de resistência estudantil contra a tirania dos militares que estavam no poder. A escola estava lotada quando o caixão saiu para o cemitério. Todos que acompanhavam o cortejo fúnebre estavam arrasados com o sentimento de enorme perda. Djalma e Gabriel estavam destruídos, porém ambos fizeram questão de ir carregando o caixão.

Alguns choravam, alguns carregavam cartazes e outros diziam gritos de ordem contra o governo. Todos de alguma forma estavam sentidos, mas uma coisa é certa, a luta e morte de Júlia não seriam em vão. A mensagem da vida e da morte dela foi passada para outros locais. Chegou até ao seu cantor favorito, que ao ficar sabendo do acontecimento, escreveu uma música anos mais tarde sobre a última frase de vida de Júlia. Júlia havia morrido fisicamente, mas continuou vivendo nas mentes e nos corações daqueles que a conheciam. A estudante saiu da vida e entrou para a história. Júlia deixou de ser uma pessoa e passou a ser uma ideia. De todas as coisas que aconteceram, a mensagem que fica é: “Apesar de vocês, amanhã há de ser um novo dia!”

Título Contando histórias de educação
ISBN 978-65-5962-063-0 (online)
Organização André Gustavo Ferreira da Silva
Leilane Bezerra da Silva

Capa e Projeto Gráfico Rodrigo Victor

Formato e-book
Tipografia Minion Pro (miolo)
Noto Mono (títulos)

